

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2023

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023 ISSN: 0872-6086

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7919687>

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**A ALIMENTAÇÃO DOS MAIS ANTIGOS HABITANTES FENÍCIOS
DA PENÍNSULA IBÉRICA: AS FAUNAS DE MAMÍFEROS DE LA REBANADILLA,
MÁLAGA (SÉCULO IX A.C.)**

***THE FOOD BASES OF THE OLDEST PHOENICIAN INHABITANTS
OF THE IBERIAN PENINSULA: THE MAMMALIAN FAUNA OF LA REBANADILLA,
MÁLAGA (9TH CENTURY BC)***

João Luís Cardoso¹, Vicente Marcos Sánchez², Filipe Martins³ & Lorenzo Galindo⁴

Abstract

This article concerns the faunal remains of the first phase of the urban Phoenician occupation of La Rebanadilla, Málaga (Phase IV), at the end of the IX century BC, from a set of structures excavated in the geological substrate.

There was a clear predominance of domestic animals, represented, in descending order, by caprines (sheep and goats) and cattle. Residually, other animals of large, medium and small size were identified, also in descending order: pig/boar, aurochs, horse and wild rabbit.

Cut marks and traces of fire were identified, as well as other modifications present on the surface of the bones, as a result of the way in which the meat was consumed.

Comparison of these results with those obtained at other peninsular archaeological sites, corresponding to the installation of Phoenician populations between the 8th and 6th centuries BC, confirms the full predominance of the goat/cattle binomial, revealing stable and complex communities, with a specialized economy.

The correlation between the size of the anatomical segments of the different species identified, based on the corresponding bone remains, and the typology of ceramic productions associated with their consumption was also discussed.

Keywords: Zooarchaeology; La Rebanadilla; Phoenicians; Food economy.

¹ Universidade Aberta (Lisboa); Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO); ICArEHB (Universidade do Algarve); UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2234-2266> cardoso18@netvisao.pt

² Arqueoestudio S. Coop.; ORCID iD: 0000-0002-4916-1767; vmsanchez@arqueoestudio.com

³ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4244-6508>; pulsar_da_historia@hotmail.com

⁴ Arqueoestudio S. Coop.; ORCID iD: 0000-0003-2171-1613; lorenzo.galindo@arqueoestudio.com

1 - INTRODUÇÃO

O sítio de La Rebanadilla, situado originalmente numa antiga ilha do estuário do rio Guadalhorce (AUBET *et al.*, 1999, p. 33-41), hoje desaparecida, localiza-se presentemente na margem direita daquele rio, a 3 km da costa actual e a pouco mais de 7 km a sudoeste do centro histórico da moderna cidade de Málaga (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 187; 2020, p. 189; ARANCIBIA *et al.*, 2011, p. 130).

A região tem sido assoreada e nivelada ao longo do tempo, dissimulando a primitiva insularidade do sítio (Fig. 1).

A identificação da estação resultou dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da construção de uma nova pista do aeroporto de Málaga (SÁNCHEZ *et al.*, 2012; SÁNCHEZ *et al.*, 2018) (Fig. 2). Durante a escavação arqueológica então efectuada, foi possível definir quatro grandes fases crono-culturais (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 187-193; 2012, p. 68-70; ARANCIBIA *et al.*, 2011, p. 130) (Fig. 3).

Os restos ósseos estudados neste trabalho correspondem exclusivamente à fase mais antiga ali identificada – a Fase IV – correspondente ao início do estabelecimento de populações orientais recém-chegadas à antiga ilha do paleo-estuário de Guadalhorce, datada de meados do século IX a.C. com base nas datações absolutas obtidas (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 190 e 2012, p. 69).

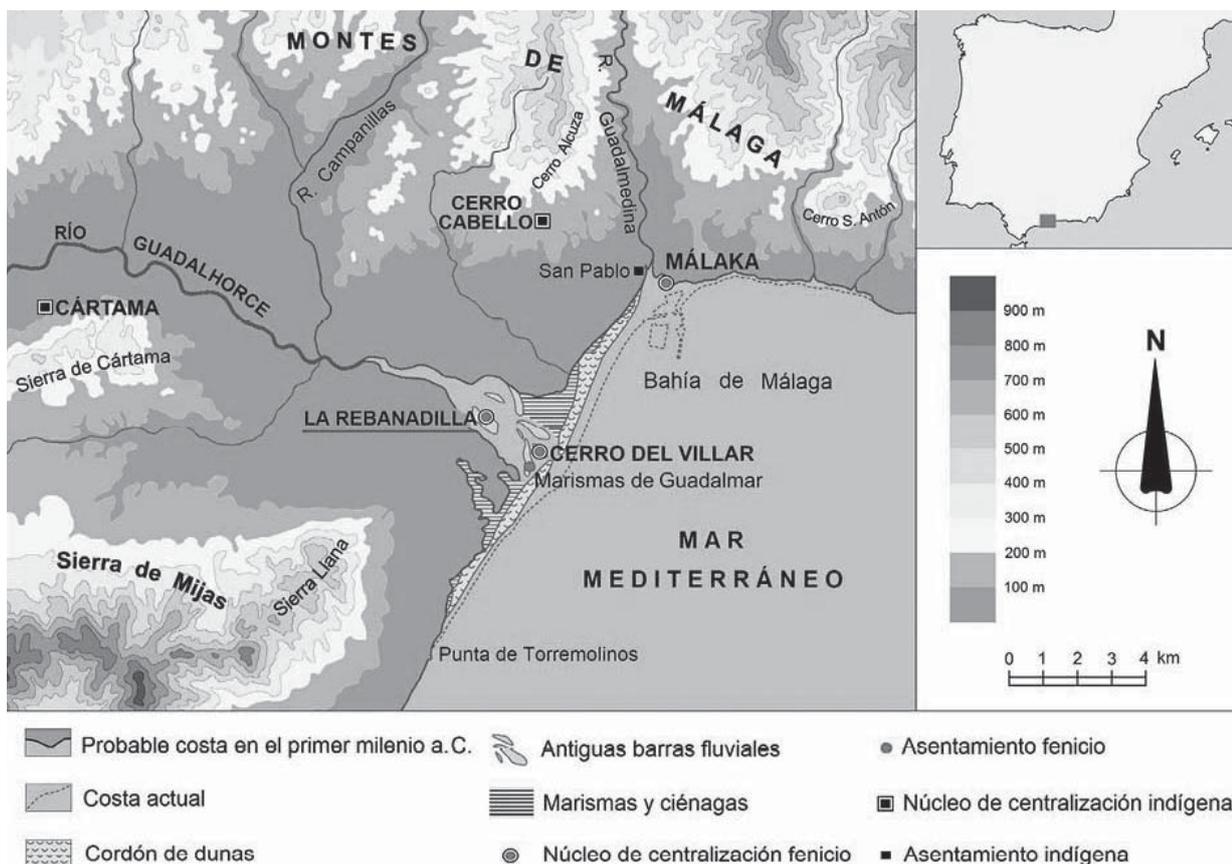




Fig. 2 – Fotografia aérea do espaço intervencionado. Em último plano é visível a baía de Málaga, actualmente mais afastada do sítio arqueológico. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

Das cinco estruturas documentadas, todas escavadas no substrato geológico, quatro foram interpretadas como estruturas habitacionais, ou oficinas artesanais, onde eram realizadas diversas actividades especializadas, todos possuindo pisos rebaixados, de contorno elipsoidal, escavados no substrato geológico, sendo uma outra atribuível a um poço de natureza ritual.

2 – FASES DE OCUPAÇÃO

A estratigrafia, a tipologia dos materiais recuperados, principalmente cerâmicos, e as datações absolutas obtidas (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 187-193; 2012, p. 68-70; ARANCIBIA *et al.*, 2011, p. 130), conduziram ao estabelecimento da seguinte sequência cronológico-cultural:

Fase I – Fase mais moderna, correspondente ao desmantelamento do complexo religioso, voltando o espaço a recuperar as actividades artesanais. Não estão documentados edificios associados, estando presentes contudo grandes estruturas escavadas nos escombros de edificios religiosos, vários delas correspondendo a palhotas com solos rebaixados, tanto elipsoidais como sub-circulares, reutilizadas como lixeiras onde se despejaram restos diversos, para além de um grande poço, de natureza ritual. Esta fase situa-se no início do século VIII a.C., correspondendo-lhe diversas datas de radiocarbono já publicadas (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 193 e 2012, p. 69).

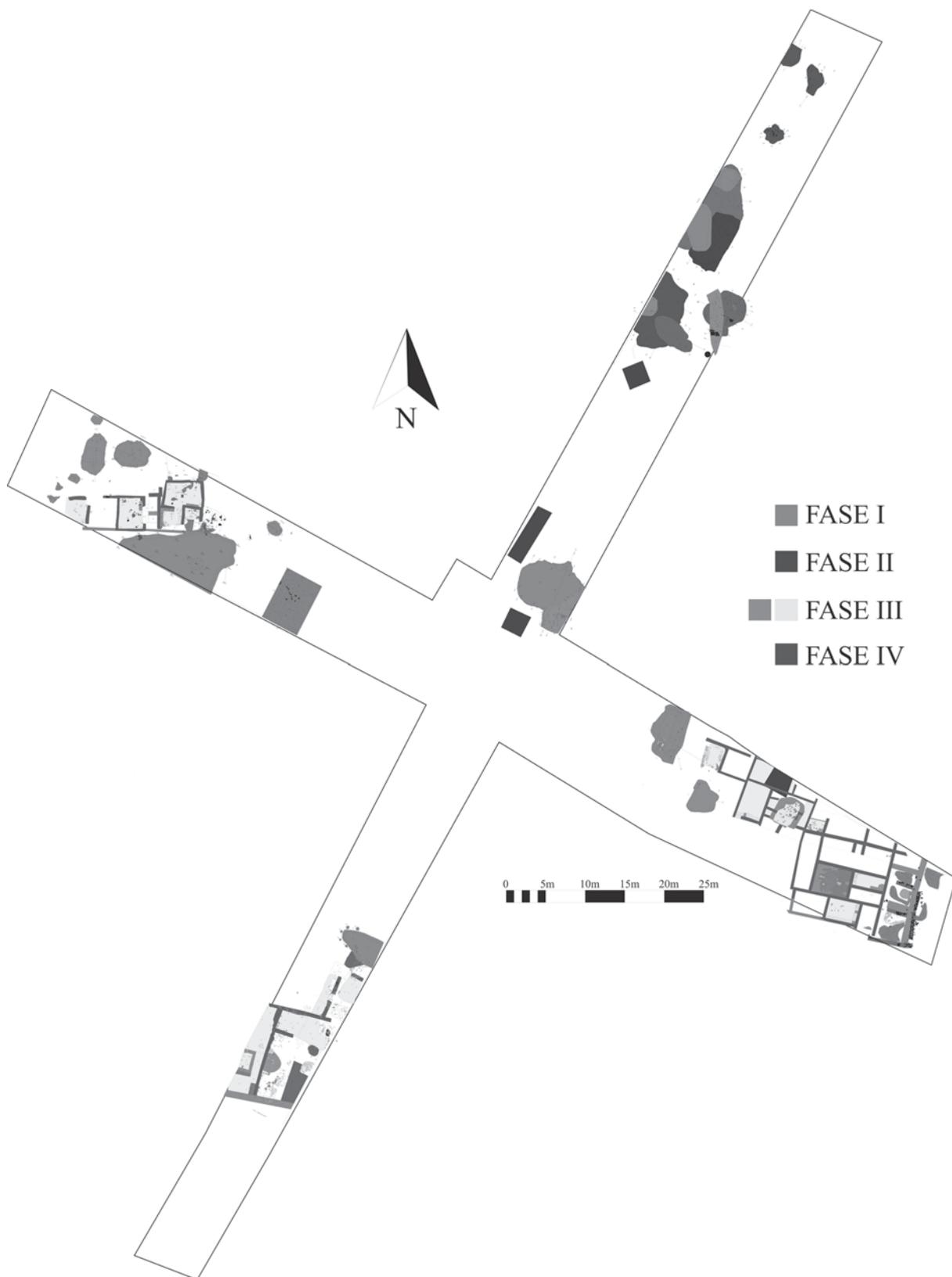


Fig. 3 – Planta geral da área escavada com a indicação das estruturas identificadas de acordo as diversas fases definidas.

Fases II e III – Apresentam algumas características urbanas, distintas das observadas na fase mais moderna (SÁNCHEZ *et al.*, 2012).

Fase IV – Fase mais antiga, caracterizada pela identificação de grandes estruturas de chão rebaixado por escavamento no substrato geológico, correspondente ao estabelecimento das populações orientais recém-chegadas à antiga ilha do paleo-estuário de Guadalhorce. Trata-se de quatro estruturas de natureza habitacional, duas pelo menos utilizadas como oficinas de produção de objectos de natureza artesanal. Merece destaque uma oficina metalúrgica, bem documentada por restos de fundição, como escórias de cobre e de bronze, algumas pequenas barras de chumbo, lingotes e materiais manufacturados, como anzóis de bronze e pontas de flechas (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 187-188; ARANCIBIA *et al.*, 2011, p. 130). Destaca-se ainda outra oficina, dedicada ao fabrico de artefactos de marfim (MARZOLI *et al.*, 2016) (Fig. 4). Cronologicamente, esta Fase de ocupação situa-se em meados do século IX a.C., pelas datações de radiocarbono obtidas (SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 190 e 2012, p. 69).

Nos últimos momentos desta primeira fase de ocupação, inscreve-se um poço ritual, profundamente escavado no substrato geológico, o qual foi preenchido com despejos domésticos atribuíveis a um ou vários banquetes cerimoniais que terão sido então realizados.

3 – CONTEXTOS DOS RESTOS FAUNÍSTICOS

Os restos ósseos estudados neste trabalho provêm de depósitos exclusivamente relacionados com as estruturas documentadas nesta Fase de ocupação do sítio, conforme foi já referido, distribuídos da seguinte forma (Fig. 5):

Estrutura 1 – UE 2100, com planta sub-circular de quase 2 metros de diâmetro e 0,50 metros de profundidade, que foi preenchida pelas UUEE 2101, 2102 e 2103 (Fig. 6).

Estrutura 2 – UE 2110, de planta elipsoidal, de grandes dimensões, com 7 metros de comprimento por 5,40 metros de largura e 0,40 metros de profundidade, que poderia corresponder a uma cabana de piso rebaixado (Fig. 7), preenchida pelas UUEE 2111, 2112 e 2116 (Fig. 8).

Estrutura 3 – UE 2165, de planta sub-circular com cerca de 5 metros de diâmetro e 1,45 metros de profundidade documentada; não foi possível prosseguir com a sua escavação devido à presença do nível freático. Esta estrutura corresponde a um poço aberto no substrato geológico, cuja colmatação se efectuou com os restos de um grande banquete cerimonial relacionado com o abandono das oficinas da Fase IV, antecedendo imediatamente a fundação do complexo religioso da Fase III (SÁNCHEZ *et al.*, 2018, p. 313-315; 2020, p. 192) (Fig. 9). Os restos faunísticos acumulados no seu interior acompanham objectos emblemáticos das referidas oficinas, como artefactos metálicos (fibulas, pontas de flecha e anzóis, para além de resíduos de fundição, um fragmento de um molde bivalve de fundição de pedra para a produção de apliques (SÁNCHEZ *et al.*, 2018, p. 314, 315) e fragmentos de marfim resultantes da produção de suportes destinados à manufactura ulterior de objectos diversos (MARZOLI *et al.*, 2016). Acompanham os restos dos animais consumidos neste grande banquete, parte do conjunto cerâmico relacionado com a preparação e consumo dos alimentos e bebidas.

Este banquete ocorreu antes de se iniciar a construção dos edifícios da Fase III já que a fundação do muro que delimita o complexo religioso desta Fase corta os depósitos que preencheram este poço ritual. Embora se pudessem considerar tais depósitos como coevos dos momentos iniciais da Fase III, os materiais recolhidos no

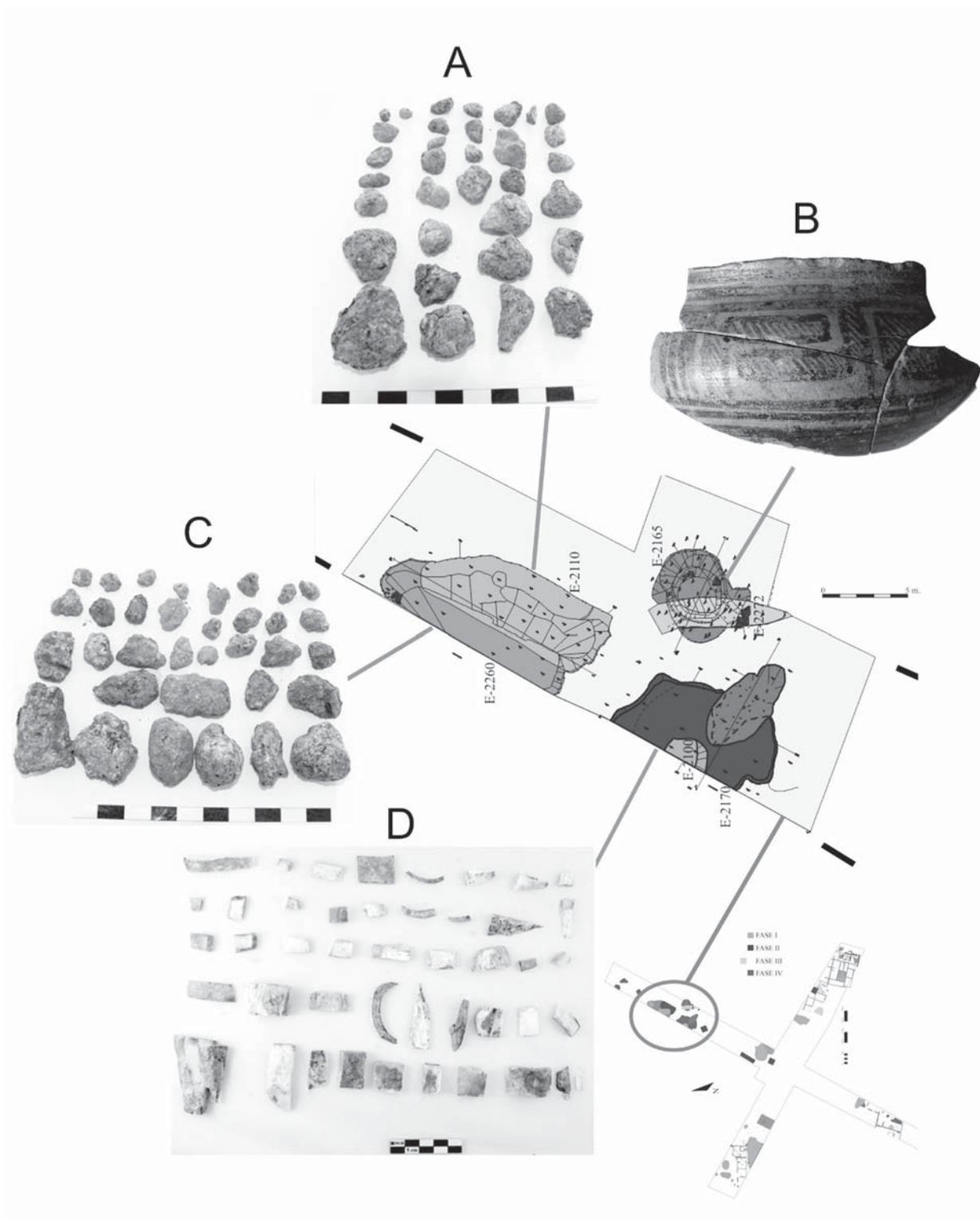


Fig. 4 – Localização e representação de alguns materiais arqueológicos recolhidos nas estruturas negativas identificadas da Fase IV. 2170 – fragmentos de marfim em fase de processamento para a obtenção de suportes (D); 2110 – restos metálicos de cobre e de bronze relacionados com a metalurgia realizada no local (A). 2260 – restos metalúrgicos de cobre e de bronze relacionados com a metalurgia realizada no local (C). 2165 – fragmento de vaso grego do GM II (B).



Fig. 5 – Vista geral aérea das diferentes estruturas negativas da Fase IV, de onde provêm os restos faunísticos estudados.
Foto de Arqueoestudio S. Coop.



Fig. 6 – Estrutura 1 (UE 2100). Construção negativa de planta circular com 0,5 metros de profundidade.
Foto de Arqueoestudio S. Coop.



Fig. 7 – Estrutura 2 (UE 2111). Construção negativa de planta elipsoidal. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

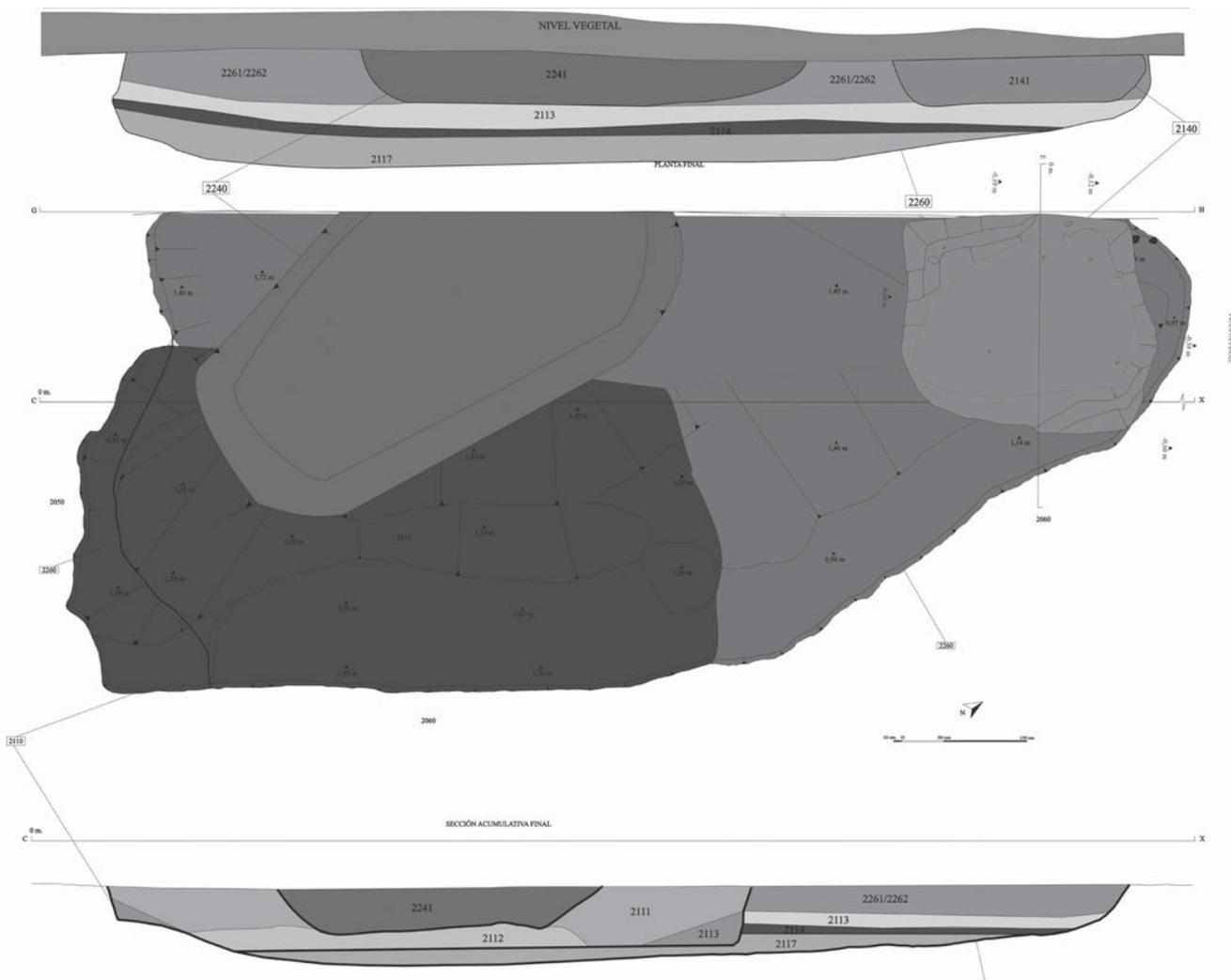


Fig. 8 – Planta e corte estratigráfico observado na Estrutura 2.



Fig. 9 – Estrutura 3 (UE 2167). Vista geral do poço, de planta mais ou menos circular. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

preenchimento do poço, designadamente as produções cerâmicas e os produtos das oficinas metalúrgica e de manufatura do marfim, integram-se claramente na Fase IV. As datações absolutas obtidas para esta estrutura e para a Estrutura 5 (UE 2260), desta mesma fase cultural são estatisticamente coevas (SÁNCHEZ *et al.*, 2012, p. 69; SÁNCHEZ *et al.*, 2011, p. 190), reforçando a pertença do poço ritual em apreço à fase mais antiga da ocupação de La Rebanadilla.

A integração desta estrutura na Fase IV deve ser entendida do ponto de vista estritamente conceptual, já que os testemunhos pertencentes ao momento final da Fase IV / início da Fase III correspondem a um *continuum* na ocupação de um mesmo e único espaço da estação arqueológica.

Este poço ritual (Fig. 10) encontra-se preenchido pelas UUEE 2162, 2164, 2167, 2169, 2270 e 2271.

Estrutura 4 – UE 2170, de planta sub-elipsoidal, de grandes dimensões, com 8,4 metros de comprimento; só foi parcialmente escavada porque parte da estrutura se encontrava fora da área pré-definida da escavação, possuindo 0,40 metros de profundidade máxima na área explorada. Foi preenchida pelas UUEE 2171 e 2172 (Fig. 11, 12 e 13). Grande parte dos materiais de marfim recolhidos provêm desta estrutura, admitindo-se que possam ter correspondido a uma oficina especializada na manufatura de peças desta natureza. Foi interrompida pela Estrutura 1 – UE 2100.

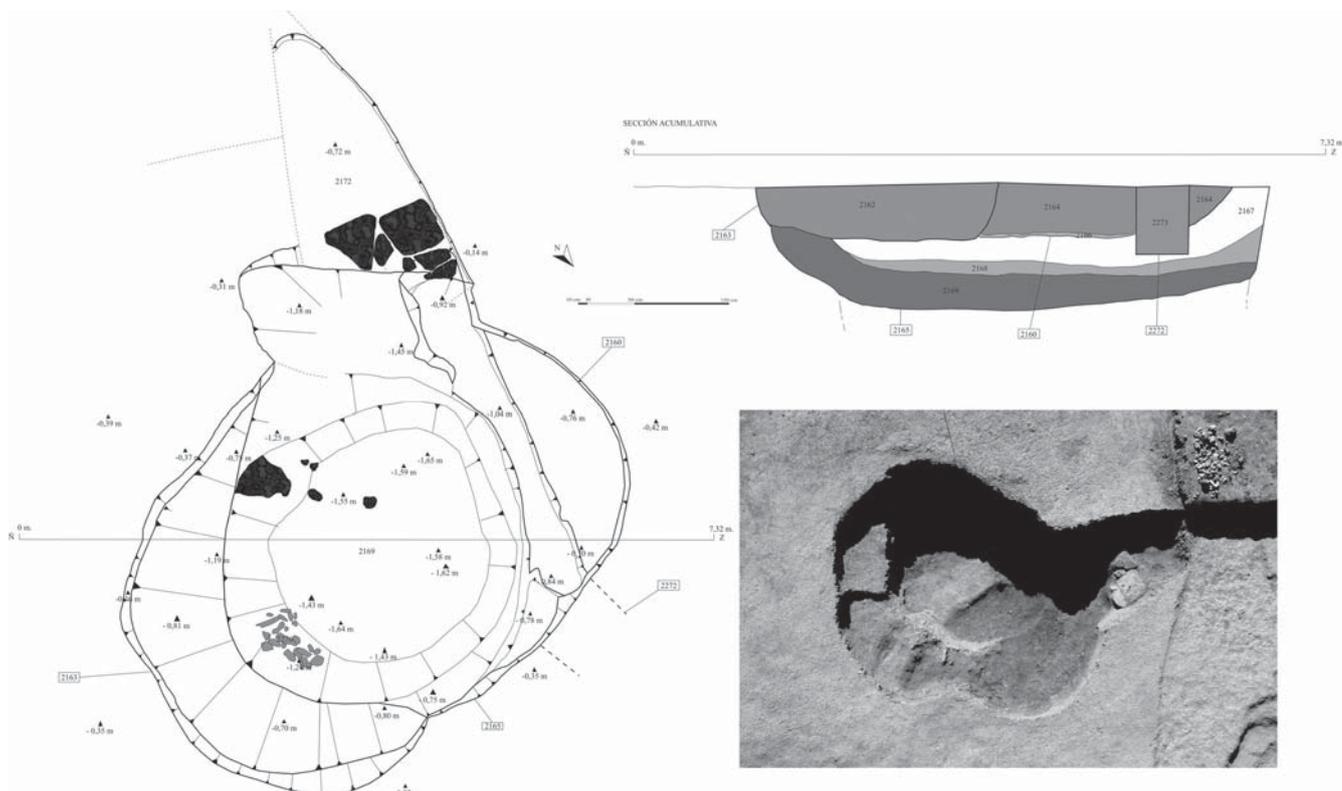


Fig. 10 – Estrutura 3 (UE 2167). Vista aérea, planta e corte estratigráfico realizado. Foto de Arqueoestudio S. Coop.



Fig. 11 – Estrutura 4 (UE 2170). Vista geral da estrutura negativa ovalada parcialmente escavada. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

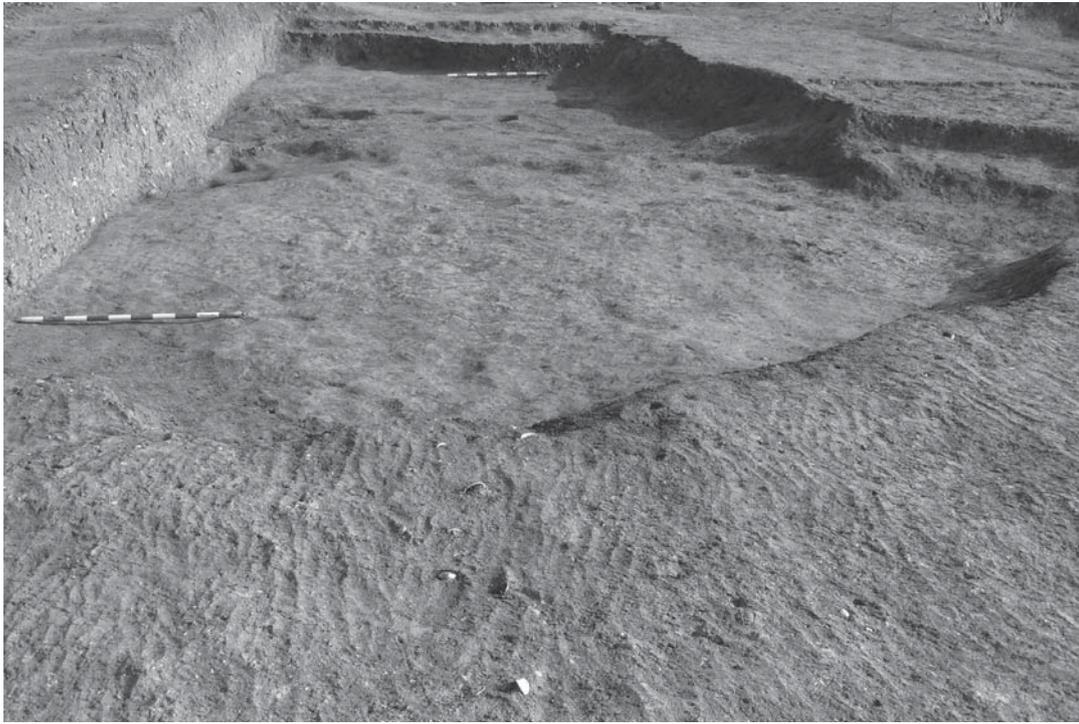


Fig. 12 – Estrutura 4 (UE 2170). Vista da estrutura negativa, a 0,4 metros de profundidade. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

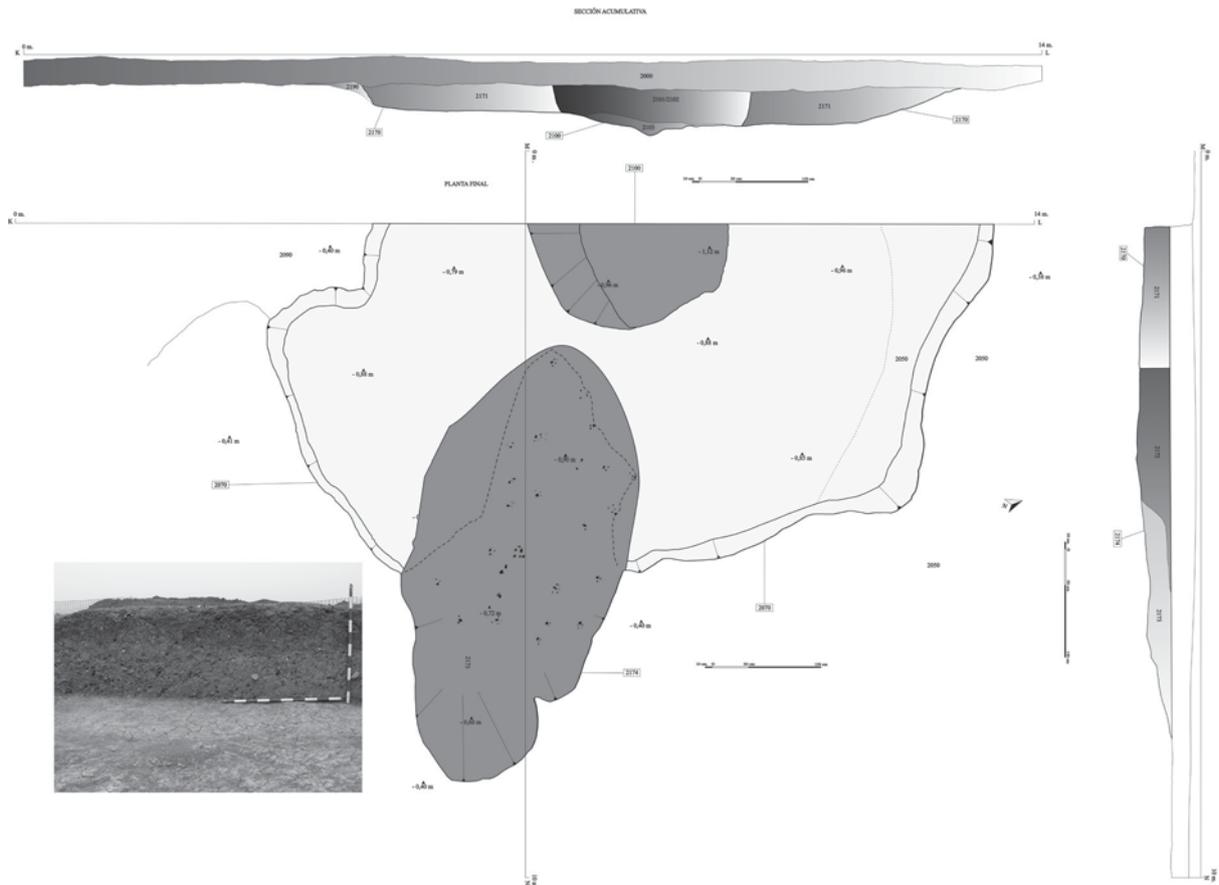


Fig. 13 – Estrutura 4 (UE 2170). Definição da estrutura em planta e do corte estratigráfico com a indicação das diferentes unidades estratigráficas identificadas. Esta estrutura encontra-se interrompida pela Estrutura 1 – UE2100. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

Estrutura 5 – UE 2260, de planta elipsoidal, de grandes dimensões, com 8,6 metros de comprimento, cuja largura se desconhece, em resultado de parte da estrutura se desenvolver já fora da área escavada. Possui 1,50 metros de profundidade, que poderia corresponder a um piso rebaixado de uma cabana devido à sua morfologia (Fig. 14). Esta estrutura é anterior à Estrutura 2 – UE2110, pois é cortada por ela, apresentando-se preenchida pelas UUEE 2261, 2113, 2114, 2115 e 2117 (Fig. 15). Nestes depósitos foram documentados numerosos vestígios de actividades metalúrgicas, bem como níveis formados por cinzas e restos de ouriços-do-mar, por certo ali cozinhados.



Fig. 14 – Estrutura 5 (UE 2114). Vista parcial da estrutura de grandes dimensões, de planta elipsoidal. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

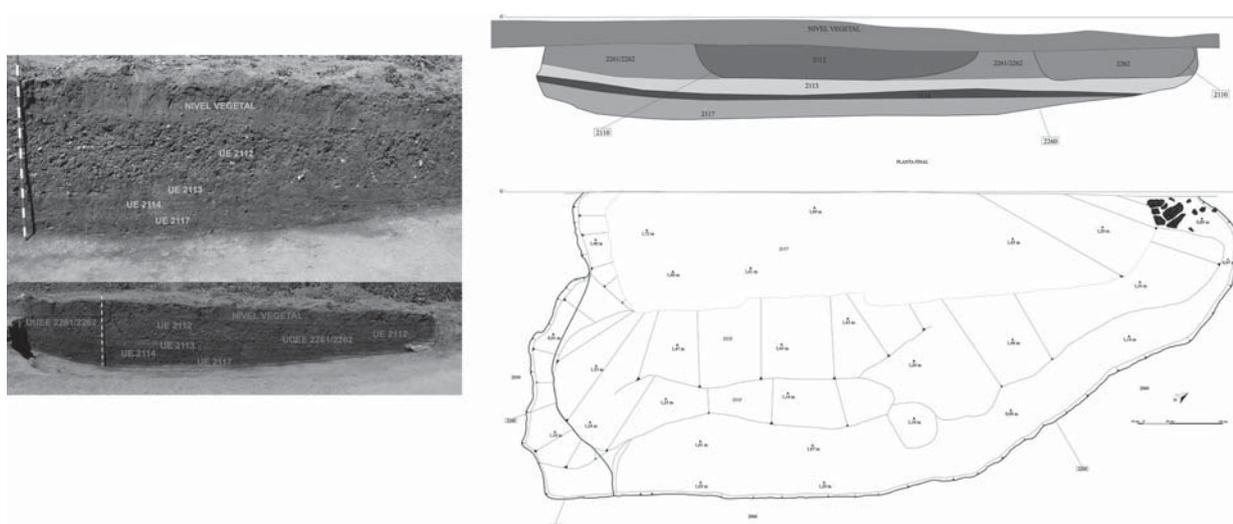


Fig. 15 – Estrutura 5 (UE 2114). Planta e corte estratigráfico, com a indicação das diferentes unidades estratigráficas identificadas, sendo esta anterior à Estrutura 2 –UE2110, pois é cortada por ela. Foto de Arqueoestudio S. Coop.

4 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

A identificação dos elementos ósseos foi feita com suporte bibliográfico (SCHMID, 1972; PALÈS & GARCIA, 1981; POPESKO, P. & GETTY, R., 1971; PRUMMEL & FRISCH, 1986; HILLSON, 1999; 2005; GOLDFINGER, 2004). Na questão da lateralidade dos ossos e dentes só se contabilizaram os elementos com maior clareza.

Nos caprinos, os restos de ovelha (*Ovis aries*) e cabra (*Capra hircus*) foram considerados indistintamente. No entanto, foram alvo do exercício de distinção apenas as hemimandíbulas baseados em critérios apresentados por Boessneck, Muller e Teichert (1964), Zeder e Pilaar (2010), e Zeder e Lapham (2010); no caso dos suínos, a discussão quanto à alternativa doméstica e selvagem foi baseada nos dados osteodontométricos disponíveis (DRIESCH, 1976; DRIESCH & BOESSNECK, 1976; ALBARELLA *et al.*, 2005; DETRY, 2007), no entanto, o tamanho da amostra condicionou a natureza dos resultados obtidos.

Foram registadas as modificações presentes na superfície dos ossos, tais como marcas de corte e vestígios de fogo.

Para quantificar o material faunístico foram utilizados os seguintes indicadores, descritos por M. J. Valente (VALENTE, 1997): Número de Restos Determinados (NRD) e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI). Neste último indicador foi calculado com base nos elementos anatómicos mais abundantes para cada táxon, de acordo com a sua lateralidade e idade. Na determinação do Número de Restos Determinados (NRD), não se consideraram os elementos do esqueleto axial, de identificação problemática, como fragmentos de vértebras e de costelas.

A idade de morte dos animais foi obtida por meio de dois métodos: a fusão das epífises e a erupção e desgaste dentário (DENIZ & PAYNE, 1982; GRANT, 1982; PAYNE, 1987).

As medições osteométricas utilizadas seguem os critérios definidos por Driesch (1976) e Cardoso (1993a). Para os ossos longos, incluindo as falanges, tomaram-se as medidas do DT (diâmetro transversal) e do DAP (diâmetro antero-posterior) na extremidade proximal, na diáfise e na extremidade distal, para além do comprimento máximo da peça óssea (H), quando completa. No caso do astrágalo, consideraram-se as dimensões máximas do comprimento e do diâmetro transversal. No caso das peças dentárias tomaram-se duas medidas na base da coroa: DMD – diâmetro mésio-distal; e o DVL – diâmetro vestibulo-lingual.

As medidas das peças foram tomadas com uma craveira até ao décimo de mm..

5 – INVENTÁRIO

O inventário geral dos restos faunísticos identificados é apresentado em anexo, com as respectivas medições osteométricas possíveis, organizado pelas diferentes estruturas reconhecidas (ver Anexo 1). Para cada uma delas foram registadas as seguintes observações:

5.1 – Estrutura 1 – 2100 (UE 2102; UE 2103)

Na Estrutura 1 foram estudados 12 restos provenientes das UUEE 2102 e 2103. No Quadro 1 apresenta-se a distribuição dos restos identificados por espécies. O conjunto é constituído, na sua totalidade, por restos de animais domésticos: caprinos (91,7% do NRD) e bovinos (8,3% do NRD).

O NMI de *Ovis aries / Capra hircus* calculado é de dois, sendo um adulto e um senil; e de *Bos taurus* um adulto.

Quadro 1 – La Rebanadilla. Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI), recolhidos na Estrutura 1.

Estrutura 1	NRD		NMI	
	Nº	%	Nº	%
<i>Bos taurus</i>	1	8,3%	1	33,3%
<i>Ovis / Capra</i>	11	91,7%	2	66,7%
TOTAL	12	100%	3	100%

5.2 – Estrutura 2 – 2110 (UE 2111; UE 2112)

Na Estrutura 2 foram estudados 187 restos provenientes das UUEE 2111 e 2112. No Quadro 2 apresenta-se a distribuição dos restos identificados por espécies. O conjunto é constituído maioritariamente por restos de animais domésticos: caprinos (81,3% do NRD) e bovinos (18,2% do NRD); foi identificado um único resto (0,5 %) de javali.

O NMI de *Ovis aries / Capra hircus* calculado é de 10 (sendo 7 adultos, 2 juvenis e 1 indivíduo lacteal); de *Bos taurus* é de 3 (1 senil, 1 adulto, e 1 juvenil); e de *Sus scrofa* é de 1 adulto.

Quadro 2 – La Rebanadilla. Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI), recolhidos na Estrutura 2.

Estrutura 2	NRD		NMI	
	Nº	%	Nº	%
<i>Bos taurus</i>	34	18,2%	3	21%
<i>Sus scrofa</i>	1	0,5%	1	7%
<i>Ovis / Capra</i>	152	81,3%	10	71%
TOTAL	187	100%	14	100%

5.3 – Estrutura 3 – 2165 (UE 2162; UE 2167)

Na Estrutura 3 foram estudados 120 restos provenientes das Unidades Estratigráficas 2162 e 2167. No Quadro 3 apresenta-se a distribuição dos restos identificados por espécies. O conjunto, maioritariamente de animais domésticos, é constituído por ordem decrescente por caprinos (79,2% do NRD), suínos (11,7% do NRD), bovinos (7,5% do NRD); identificaram-se residualmente 2 restos (1,7 %) de javali.

O NMI de *Ovis aries / Capra hircus* calculado é de 7 (sendo 6 adulto, 1 juvenis); de *Bos taurus* é de 2 (2 adultos); de *Sus sp.* é de 2 (1 adulto e 1 juvenil); *Sus scrofa* encontra-se representado por 1 adulto.

Quadro 3 – La Rebanadilla. Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI), recolhidos na Estrutura 3.

Estrutura 3	NRD		NMI	
	Nº	%	Nº	%
<i>Bos taurus</i>	9	7,5%	2	16,7%
<i>Sus sp.</i>	14	11,7%	2	16,7%
<i>Sus scrofa</i>	2	1,7%	1	8,3%
<i>Ovis / Capra</i>	95	79,2%	7	58,3%
TOTAL	120	100%	12	100%

5.4 – Estrutura 4 – 2170 (UE 2170; UE 2171; UE 2172)

Da Estrutura 4 provêm 78 restos identificados respeitantes às UUEE 2170, 2171 e 2172. No Quadro 4 apresenta-se a sua distribuição por espécies. O conjunto é constituído, na sua totalidade, por restos de animais domésticos: caprinos (61,5%) e bovinos (38,5%).

O NMI de *Bos taurus* calculado é de 6 (sendo 5 adultos e 1 juvenil); e de *Ovis aries / Capra hircus* é de 3 (2 adultos e 1 juvenil), o que evidencia a notável importância do gado bovino na alimentação e em outras actividades, que eram asseguradas por tais animais.

Quadro 4 – La Rebanadilla. Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI), recolhidos na Estrutura 4.

Estrutura 4	NRD		NMI	
	Nº	%	Nº	%
<i>Bos taurus</i>	30	38,5%	6	66,7%
<i>Ovis / Capra</i>	48	61,5%	3	33,3%
TOTAL	78	100%	9	100%

5.5 – Estrutura 5 – 2260 (UE 2113; UE 2114; UE 2117)

Da Estrutura 5 provêm 315 restos identificados ao nível específico, recolhidos nas UU EE 2113, 2114 e 2117. No Quadro 5 apresenta-se a sua distribuição. O conjunto é constituído, por ordem decrescente, por caprinos (82,9%) e bovinos (13,7%); os restantes táxones detêm uma representação, no seu conjunto, inferior a 10%, no qual importa referir os suínos, com 2,2%, o auroque (*Bos primigenius*), com 0,6%, e ainda *Equus caballus* e *Oryctolagus cuniculus*, ambos com 0,3%.

O NMI de *Ovis aries / Capra hircus* calculado é de 19 (sendo 15 adultos, 4 juvenis); de *Bos taurus* é de 4 (4 adultos); de *Sus sp.* é de 2 (1 adulto e 1 juvenil); o *Equus caballus* e *O. cuniculus* encontram-se representados por 1 indivíduo adulto.

Quadro 5 – La Rebanadilla. Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI), recolhidos na Estrutura 5.

Estrutura 5	NRD		NMI	
	Nº	%	Nº	%
<i>Bos taurus</i>	43	13,7%	4	14,3%
<i>Bos primigenius</i>	2	0,6%	1	3,6%
<i>Equus caballus</i>	1	0,3%	1	3,6%
<i>Sus sp.</i>	7	2,2%	2	7,1%
<i>Ovis / Capra</i>	261	82,9%	19	67,9%
<i>O. cuniculus</i>	1	0,3%	1	3,6%
TOTAL	315	100%	28	100%

6 - RESULTADOS OBTIDOS

Foram determinados 712 restos, recolhidos nas 5 estruturas atribuídas à Fase IV da ocupação de La Rebanadilla. O conjunto apresenta-se bem conservado, mas fragmentado, em consequência de forte aproveitamento das carcaças para fins alimentares, incluindo a extracção da medula óssea.

No Quadro 6 apresenta-se a distribuição dos restos identificados por espécies nas diferentes estruturas identificadas.

Quadro 6 - La Rebanadilla. Número de Restos Determinados (NRD) e sua distribuição pelas estruturas identificadas.

	<i>Bos taurus</i>	<i>Bos cf. primigenius</i>	<i>Equus caballus</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>Sus scrofa</i>	<i>Ovis aries / Capra hircus</i>	<i>O. Cuniculus</i>	TOTAL
Estrutura 1 - 2100	1					11		12
Estrutura 2 - 2110	34				1	152		187
Estrutura 3 - 2165	9			14	2	95		120
Estrutura 4 - 2170	30					48		78
Estrutura 5 - 2260	43	2	1	7		261	1	315
Nº TOTAL DE RESTOS	117 (16,4%)	2 (0,3%)	1 (0,1%)	21 (2,9%)	3 (0,4%)	567 (79,7%)	1 (0,1%)	712 (100%)
NMI	16	1	1	4	2	41	1	66

A presença de restos de Ovis/Capra é dominante em todas as estruturas identificadas, constatando-se que foi a Estrutura 5 a que forneceu o maior número de restos faunísticos (315 restos) e, simultaneamente, maior variedade entre espécies, situação que se encontra associada ao processo da formação da acumulação, em um curto período de tempo, provavelmente um banquete ritual que terá sido realizado no final desta primeira fase de ocupação da estação.

A inventariação total do material osteológico foi sumariada na Quadro 7 por segmentos anatómicos.

Quadro 7 - La Rebanadilla. Restos determinados e sua distribuição por segmentos anatómicos.

Segmentos anatómicos	<i>Bos taurus</i>	<i>Bos cf. primigenius</i>	<i>Equus caballus</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>Sus scrofa</i>	<i>Ovis aries / Capra hircus</i>	<i>O. Cuniculus</i>
Haste/Chifre						11	
Maxilar	1			1		5	
Mandíbula	13			3		69	
Dentes							
Dp2						3	
Dp3				1		9	
Dp4				1		10	
P\2						3	
P\3				1		3	
P\4				1		3	
M\1				1		3	
M\2	1					4	
M\3	1					2	
P/2	2					9	
P/3	6					21	
P/4	4					33	
M/1	1			1		42	
M/2						33	
M/3				1		27	

Dentes soltos superiores							
D\2						1	
P\3	1					1	
P\4	1					1	
M\1						11	
M\2	3			1		10	
M1\2	4					3	
M\3					1	1	
Dentes soltos inferiores							
Incisivo						2	
Canino				1	1		
D/4						1	
P/4	1						
M/1						3	
M/2						7	
M1/2						3	
M/3	1					4	
Omplata	6					13	
Húmero prox.						6	
Húmero dist.	2	1		2		15	
Húmero diáfise						11	
Rádio prox.	1					9	
Rádio dist.	1					5	
Rádio diáfise						21	
Cúbito	1					1	
Atlas						1	
Pélvis	4			1		10	
Fémur prox.	1			1		3	1
Fémur dist.						4	
Fémur diáfise						3	
Tíbia prox.		1				5	
Tíbia dist.	3					14	
Tíbia diáfise	2					37	
Astrágalo	3						
Calcâneo	1			1	1	3	
Cuboscafóide	1						
Mc completo	1					2	
Mc prox.	2					11	
Mc dist.	3					5	
Mc diáfise	2					8	
Metacárpico II				1			
Mt completo						1	
Mt prox.	10					11	
Mt dist.	5			1			
Mt diáfise	4					13	
Falange I	15		1	1		14	
Falange II	4						
Falange III	5					3	
Nº TOTAL DE RESTOS	117	2	1	21	3	567	1
NMI	16	1	1	4	2	41	1

O conjunto é constituído por restos de animais domésticos: caprinos, bovinos e suínos, a par de espécies selvagens: auroque, javali e coelho. O cavalo também se encontra representado, com um único resto identificado, uma primeira falange (Quadro 8).

Quadro 8 – La Rebanadilla. Número de restos determinados (NRD) e número mínimo de indivíduos (NMI) de Mamíferos identificados.

	NRD		NMI	
	N.º	%	N.º	%
<i>Bos taurus</i>	117	16,4%	16	24,2%
<i>Bos cf. primigenius</i>	2	0,3%	1	1,5%
<i>Equus caballus</i>	1	0,1%	1	1,5%
<i>Sus sp.</i>	21	2,9%	4	6,1%
<i>Sus scrofa</i>	3	0,4%	2	3%
<i>Ovis / Capra</i>	567	79,7%	41	62,1%
<i>O. cuniculus</i>	1	0,1%	1	1,5%
TOTAL	712	100%	66	100%

Os caprinos são, com 567 restos, o conjunto mais numeroso, atingindo 79,7% de todos os restos determinados. Em segundo lugar surge o boi doméstico, com 117 restos (16,4%). Os restantes táxones detêm uma representação, no seu conjunto, inferior a 10%: *Sus sp.*, com 2,9%; *Sus scrofa*, com 0,4%, *Bos cf. primigenius*, com 0,3%, e, sendo representados por apenas uma peça, *Equus caballus* e *O. cuniculus*, correspondentes a menos de 0,1%.

Importa apresentar as seguintes observações relativas a cada uma das espécies identificadas:

Ovelha – *Ovis aries* L., 1758 e cabra – *Capra hircus* L., 1758

Os caprinos correspondem ao grupo mais numeroso, revelando grande importância na economia alimentar desta população, não só para a obtenção da carne, mas também de produtos secundários, como o leite, a que acresce a lã, no caso da ovelha. Todas as partes do esqueleto encontram-se representadas (Quadro 7), revelando que os animais eram sacrificados nas proximidades ou no próprio local, sendo as carcaças ali desmanchadas e consumidas. A larga maioria dos restos reporta-se a animais adultos, representados por 567 restos identificados, o que reforça a importância do seu aproveitamento secundário, pois apenas 7,2% dos restos pertencem a juvenis. O escasso consumo que destes era feito, expressa opção deliberada, pois, apesar de, gastronomicamente, serem as peças mais apetecíveis, optou-se pelo benefício da continuidade da sua exploração dos animais ao longo da sua vida útil.

O NMI calculado é de 41, distribuídos por 1 senil, 31 adultos, 8 juvenis, e 1 indivíduo lacteal.

Sempre que os restos suportaram diferenciação, verificou-se o predomínio da ovelha, espécie a que pertencem 5 hemimandíbulas (Fig. 19, n.º 1, 5, 6, 8 e 9), estando a cabra representada por apenas 3 hemimandíbulas (Fig. 19, n.º 2, 4 e 7).

Registaram-se escassos restos carbonizados (n=4), sugerindo que apenas uma pequena parte das peças de carne preparadas, era sujeita a exposição directa ao fogo, relacionada com a prática de grelhados ou churrascos: tal situação verificou-se em porção de hemimandíbula direita; em diáfise de tíbia; em diáfise de metatarsico de juvenil; e em dente solto com desgaste fraco. O facto de ossos cranianos evidenciarem este tipo de marcas sugere a prática, ainda hoje arreigada nas populações rurais do sul de Portugal, do consumo das

cabeças de caprinos assadas, expostas directamente ao fogo, a par da confecção desta mesma forma de outras partes da carcaça.

Observaram-se marcas de corte em 12 restos, umas correspondendo a finas incisões (n=7), de descarnação e consumo, outras realizadas por cutelo, relacionadas com a desarticulação da carcaça e a sua partição em nacos de dimensões adequadas às práticas culinárias da época (n=5).

Também foram detectadas marcas de animais nos ossos analisados (n=10). Alguns encontram-se roídos com pequenas mordidelas, provocadas por carnívoros, produzidas por dentes, que contribuíram para a destruição parcial de alguns restos, reaproveitados secundariamente (Fig. 20, n.º 9; Fig. 21, n.º 2), sendo compatíveis com a presença do cão.

Destaca-se o elevado número de fragmentos de hemimandíbulas (Fig. 19, n.º 1 a 10), em da utilização culinária acima referida, a par de diáfises de tibia, de rádio e de húmero, partidas intencionalmente nas duas extremidades, revelando a preparação de nacos de carne compatíveis com a sua confecção em guisados, cozidos ou ensopados em recipientes próprios (Fig. 20, n.º 9 a 14), cuja relação foi ensaiada, como adiante se verá.

Em conclusão, os caprinos detinham uma importância elevada em La Rebanadilla, para a produção de carne e produtos secundários. Os animais eram normalmente mantidos ao longo do estado adulto. Eram deles que os habitantes obtinham o maior número de proteínas na sua alimentação.

Boi doméstico – *Bos taurus* L., 1758

Estas populações incluíam na sua dieta o consumo de boi doméstico (*Bos taurus*) e provavelmente de auroque (*Bos cf. primigenius*). Os dados osteométricos disponíveis apontam para a presença de ambas as espécies.

Foram identificados 117 restos reportados à espécie doméstica, sendo apenas 3,4% dos restos de indivíduos juvenis.

Regista-se a existência de apenas um resto carbonizado relacionado com a prática de grelhados ou churrascos, uma esquirola de diáfise distal de metatársico totalmente carbonizado, condizente com a escassa presença de restos comparáveis no grupo dos caprinos.

Em 9 restos observaram-se marcas de corte, que correspondem tanto a finas incisões (n=2), relacionadas com a descarnação e o consumo (Fig. 17, n.º 2), como golpes mais profundos realizados por cutelo (n=7) (Fig. 16, n.º 3 e 4; Fig. 17, n.º 4).

Em esquirola de porção proximal de diáfise de metatársico observou-se a presença de ponto de impacto produzido intencionalmente para extracção da medula óssea (Fig. 17, n.º 3).

Também foram detectadas marcas de animais em escassos ossos (n=6).

À semelhança do registado nos espólios da Rua dos Correeiros, em Lisboa, da Idade do Ferro (DETRY, CARDOSO & BUGALHÃO, 2016), o gado bovino teria também em La Rebanadilla um papel importante na alimentação, em termos de quantidade de carne proporcionada, tendo presente a relação de pesos ser sete a oito vezes superior, mesmo no caso de bovinos de raças não melhoradas modernamente, como a mertolenga. A longevidade de estes animais revela a sua utilização em tarefas agrícolas e de transporte, para além da produção do leite e de produtos deste derivados.

O NMI calculado é de 16, distribuídos por 1 senil, 13 adultos, 2 juvenis. Merece, a este respeito, especial referência o contributo devido ao conjunto recolhido na Estrutura IV, correspondente a um poço ritual preenchido com os restos de um banquete ritual, onde a relação entre os restos de boi e de caprinos é muito superior à observada nas outras estruturas, sugerindo um contributo que pode ter ficado a dever-se a uma única refeição, com uma assinalável contribuição de carne bovina.

Cf. auroque – *Bos cf. primigenius* Boj., 1827

Foram reportados dois restos a esta espécie selvagem, ambos associados à Estrutura 5 – UE2260: uma extremidade articular distal de humero esquerdo com marcas de cutelo e fractura intencional na extremidade distal de diáfise, de grande tamanho (Fig. 18, n.º 7); e um fragmento articular proximal de tibia fracturada longitudinalmente.

As medidas obtidas na extremidade articular distal deste exemplar encontram paralelo num exemplar de *Bos primigenius* proveniente da gruta do Escoural (CARDOSO, 1993a, p. Quadro 27, 189), do Plistocénico Superior, de dimensões idênticas no DT articular distal (84 mm), em ambos os exemplares.

Comparando as medições disponíveis, obtidas noutros exemplares pliocénicos, recolhidos no Lorga de Dine e Pedreira das Salemas, verifica-se diferenças de tamanho (CARDOSO, 1993a, Quadro 27, 189), tendo estes exemplares dimensões superiores aos de La Rebanadilla.

Para o fragmento articular proximal de tibia de La Rebanadilla, obteve-se o DAP prox. = 65,2 mm. Comparando o resultado obtido com os respeitantes a exemplares pliocénicos, recolhidos na Gruta da Furninha, Pedreira de Casais Robustos e Escoural, verifica-se que estes possuem dimensões superiores (CARDOSO, 1993, Quadro 27, 189).

Os valores biométricos obtidos nos restos de La Rebanadilla atribuíveis com reservas a auroque correspondem animais em geral mais pequenos que os de época pliocénica, ainda que maiores que os exemplares homólogos da espécie doméstica recolhidos em estações da Idade do Ferro, como Santa Olaia (Figueira da Foz). Com efeito, esta, como outras espécies selvagens, torna-se mais pequena durante o Mesolítico, em comparação com os seus ancestrais pliocénicos, recuperando parcialmente o seu tamanho original no Neolítico / Calcolítico (DAVIS & DETRY, 2013). Estas alterações de tamanho estariam associadas, segundo os autores, a possíveis mudanças de temperatura, disponibilidade de alimento durante o crescimento dos animais, isolamento, e/ou pressão cinegética. No entanto, a confirmar-se pertencerem a auroque, os dois exemplares em estudo não podem ser demasiado valorizados, pois, provavelmente, pertencem ao mesmo animal. A importância advém, assim, não do número, mas do facto de, ainda nos inícios do último milénio a.C. esta espécie existir nas terras baixas e alagadiças da foz do Guadalhorce.

De acordo com a bibliografia consultada, esta espécie selvagem deixa de se encontrar registada nos conjuntos faunísticos Idade do Bronze tanto em sítios portugueses (CARDOSO, 2002) como em Espanha (CASTAÑOS, 1991), mas tal conclusão tem de ser encarada com reserva, atendendo aos escassos conjuntos dessa época até ao presente estudados. Prova disso, é um resto recolhido nos níveis da Idade do Ferro da Sé de Lisboa foi identificado (JLC), como sendo de auroque, pelo tamanho (ARRUDA, 1999/2000, p. 127).

Porco – *Sus domesticus* Erxleben, 1777 e javali – *Sus scrofa* L. 1758

Tanto o javali como o porco doméstico estão presentes no conjunto geral (Fig. 18, n.º 1 a 3, 5 e 6), embora inexistente na Estrutura 1 (UE 2100) e na Estrutura 4 (UE 2170).

O número de restos de suídeos é reduzido: 24 restos. A sua produção ou captura era unicamente para a obtenção de carne. Estes eram normalmente abatidos logo que chegasse a jovem adulto ou sub-adulto, quando atingisse o óptimo do seu tamanho, conforme nos indica os 25% de segmentos juvenis analisados (Fig. 18, n.º 5). Estão presentes várias partes esqueléticas do animal, com predomínio para a cabeça.

Em 2 restos apresentam vestígios de carbonização (em porção de maxilar com P 3, P 4, e M 1 partido (Fig. 18, n.º 1); e em porção de hemimandíbula direita de juvenil com D/3 e D/4 e germe de M/1, partido no bordo inferior), e numa porção de pélvis marcas intencionais de corte (associado à Estrutura 5 – UE2260).

O NMI calculado para *Sus* sp. é de 4, distribuídos por 2 adultos e 2 juvenis; a espécie selvagem, *Sus scrofa*, encontra-se representada por um mínimo de 2 adultos.

Cavalo – *Equus caballus* L., 1758

Esta espécie está apenas representada por uma 1.^a falange, com a superfície articular proximal roída por cão, recolhida na estrutura habitacional 5 – UE2260 (Fig. 18, n.º 4), com as seguintes medidas: H = 82,8; DT prox. = 52,7; DT dia. = 33,0; DAP dia = 27,0; DT dia dist. = 45,1; DT art. dist. = 40,5; DAP art. dist. = 23,6. O exemplar não apresenta evidência de consumo humano, mas o facto de ter evidências de consumo secundário, correspondendo assim a um resto que foi despejado em lixeira, sugere aproveitamento alimentar. A alternativa seria a de considerar o enterramento integral de um animal morto, mas nesse caso as marcas de roidelas por cão não teriam justificação.

Coelho-bravo – *Oryctolagus cuniculus* L., 1758

Foi recolhido apenas um resto de *Oryctolagus cuniculus*, associado à Estrutura 5, de um indivíduo, adulto. A sua contribuição para a dieta da população é irrelevante; no entanto, é de registar o investimento na caça de animais de pequeno porte, ainda que residualmente. A pele seria certamente outro recurso aproveitado.

7 – DISCUSSÃO

“En las etapas iniciales de la colonización en los diferentes territorios del Mediterráneo, durante los siglos IX-VII a.C., los colonos fenicios tienden a establecer a su llegada una red de asentamientos agrícolas *ex novo* orientada a la explotación intensiva del territorio, un sistema que trajo consigo tanto mejoras técnicas como la integración de nuevas especies agrícolas y ganaderas, además de modificar el paisaje natural, el urbanismo y la estructura sociopolítica de las comunidades autóctonas.” (SOLDADO, 2021, p. 376). Este modelo colonial, evidente nos sítios fenícios na costa do Mediterrâneo e na costa atlântica da Península Ibérica, parece reflectir-se nos padrões da pecuária observados, sendo conforme aos resultados obtidos.

Os caprinos constituem o conjunto mais representado, com 79,7% do total dos restos identificados, seguida dos bovinos, com 16,4%. Em ambas as categorias, os exemplares determinados correspondem, na sua grande maioria, a adultos, o que significa a prioridade dada ao aproveitamento secundário para leite e produtos derivados, lã (no caso das ovelhas) e força motriz (no caso dos bovinos), em detrimento da prioridade do aproveitamento da carne (que naturalmente também era importante) e das peles.

Dadas estas características, a estratégia destas povoações seria orientada para obter a maior rentabilidade que o animal poderia oferecer, por meio da obtenção dos seus produtos secundários, para além do seu contributo cárnico, indicador indirecto de estabilidade alimentar e económico atingido.

Os bovinos, embora sendo o segundo táxone mais representado no registo, devem ser valorizados devido ao seu tamanho, fornecendo um contributo cárnico bastante superior a cada caprino, mas sobretudo força de trabalho, utilizada tanto na lavoura como no transporte de pessoas e mercadorias, além do aproveitamento do estrume, importante fertilizar os campos.

O restante registo faunístico identificado, apesar de revelar variedade de recursos explorados, apresenta pouca variedade.

A fraca presença do género *Sus* sp. no conjunto, cuja separação entre espécie doméstica ou selvagem é sempre difícil, evidencia a pequena importância que teriam na alimentação. Em termos de comportamento alimentar, a interdição do consumo de carne de porco (*Sus domesticus*), por prescrição religiosa baseada em preceitos higiénicos parece sugerida em diversas colónias fenícias ou fenício-púnicas, embora em algumas se tenha consumido javali (*Sus scrofa*).

A presença do cão é indicada, de forma indirecta, pela existência de alguns restos com marcas dos seus dentes, principalmente observados em epífise de ossos longos (Fig. 18, n.º 4; Fig. 20, n.º 9; Fig. 21, n.º 2).

Numa avaliação comparativa com outras estações arqueológicas coevas verifica-se a mesma realidade binomial, apoiada da criação de caprino e bovinos, com algumas variações, como é o caso em Morro de Mezquitilla (Málaga), do século IX-VIII a.C. onde dominam os caprinos, com 60%, seguidos dos bovinos com 30%, e sem registo de restos de suídeos. (SOLDADO, 2021, p. 378). Situação idêntica foi observada na estação de Castillo de Doña Blanca (BARRIONUEVO, 2015): dos 1694 restos faunísticos identificados, 1137 pertencem a *Ovis/Capra* (67,1% do conjunto) e 196 a *Bos taurus* (11,6) (MORALES *et al.*, 1994, Tabela 3.1 e 3.2A).

Em Toscanos (Málaga), importante feitoria fundada nos princípios do séc. VIII a.C., as principais espécies no registo faunístico recuperado são os caprinos com 57% do número de restos determinados, os bovinos com 34%, e os suínos com 8% (SOLDADO, 2021, p. 377). Nesta importante estação arqueológica foi também registada a presença de cavalo e de cão, ainda que marginal, sem que tenha sido atestado o seu consumo. As espécies selvagens em Toscanos, também pouco representadas no conjunto, é composto por coelhos (NR= 68) e, em menor número de restos, o veado (NR = 9), considerado pelos autores como sendo evidência de actividade de caça orientada para a protecção de cultivos, espécie inexistente no registo faunístico em La Rebanadilla. Tal ausência não significa, porém, que tal espécie não existisse na época, na região; simplesmente a prática da caça do veado não faria parte dos hábitos destas populações essencialmente sedentárias, voltadas para o estuário do rio Guadalhorce e para o comércio marítimo.

No que respeita aos suínos, no conjunto dos contextos fenícios na costa mediterrânica publicados, foram reconhecidos exemplares selvagens considerados estabulados ou semi-domésticos, em Toscanos e Málaga (BERNALDEZ-SANCHEZ, 1990). Em Saltillo (Carmona, Sevilha), o registo faunístico apresenta, em contextos do séc. IX-VIII a.C., apenas dois restos identificados como *Sus scrofa*, perfazendo 1,3% no número total de restos estudados (SOLDADO, 2021, Tabla 19).

A presença de cavalo em La Rebanadilla, apenas com um resto identificado, pode resultar de consumo humano, como acima se referiu, sendo deste modo comparável ao observado na estação arqueológica de Villaricos, Almería, onde se registou evidências de consumo numa porção distal de tibia, pela fractura intencional que esta apresentava na diáfise (EU 25, n.º inv. 8019), recolhida em contexto já muito mais recente, do século V a.C. (CARDOSO, 2011).

A prevalência de consumo e utilização de gado doméstico destas populações, com base no binómio caprinos-bovinos, a que se associam residualmente ou em número sempre muito modesto, os suínos, essencialmente selvagens, também foi registada para a costa norte-africana do Mediterrâneo Ocidental e Central. É o caso do conjunto faunístico da colónia fenícia de Útica (Tunísia), cujos restos faunísticos provêm de um poço ritual preenchido com despejos de um ou de mais banquetes cerimoniais, em contextos do século IX a.C. (CARDOSO *et al.*, 2016). O conjunto identificado é composto, por ordem decrescente, de 49,7% de *Bos taurus* (n=265), 26,7% de *Ovis/Capra* (n=142), 16,6% de *Sus* sp. (16,6%), 4,9% de *Equus caballus*, e 2,3% de *Canis familiaris* (CARDOSO *et al.*, 2016, tabela 2, p. 318). Estes resultados demonstram grandes semelhanças com outros contextos da mesma época, correspondentes aos primórdios das colonização fenícia no litoral da Península Ibérica.



Fig. 16 – La Rebanadilla. Restos de *Bos taurus*: 1 – Porção de hemimandíbula direita com P/2, P/3 e P/4 com desgaste forte e fractura intencional longitudinal do bordo inferior da peça (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 2 – Astrágalo direito (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 3 – Metade inferior de astrágalo cortado com machado obliquamente (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 4 – Porção distal de tíbia direita com marcas de cutelo associadas ao corte na diáfise (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 5 – Metade distal de tíbia direita partida intencionalmente na diáfise (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 6 – Extremidade proximal de metatársico esquerdo, partido intencionalmente na diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 7 – Extremidade proximal de metatársico direito, com fractura intencional na diáfise, idêntico a outros casos, denotando uma técnica própria de fractura destes ossos (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 17 – La Rebanadilla. Restos de *Bos taurus*: 1 – Metacárpico esquerdo completo (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 2 – Metade distal de metatársico esquerdo com marca de corte na face anterior de diáfise (Estrutura 2 – UE 2112, Bolsa 1323); 3 – Esquirola intencional de porção proximal de diáfise de metatársico, com presença de ponto de impacto produzido para extracção da medula óssea (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 4 – Diáfise de metatársico com fractura intencional nas duas extremidades e marcas de corte por machado da face anterior de diáfise (Estrutura 5 – UE 2117, Bolsa 1329); 5 – Extremidade articular distal de metatársico direito (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 6 – 1.^a Falange (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 7 – 3.^a Falange (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 18 – La Rebanadilla. 1 – Maxilar de *Sus* sp. com P 3, P 4, e M 1 partido. Desgaste fraco, com marcas de fogo (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 2 – Canino inferior direito (também de porco doméstico, ou de fêmea) (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 3 – Dente canino inferior direito de *Sus* cf. *scrofa* (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 4 – 1.^a Falange de *Equus caballus*, com a superfície articular proximal roída por cão (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 5 – Calcâneo direito de *Sus* sp., juvenil, com falta de epífise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 6 – Colmilho superior direito de *Sus* cf. *scrofa* (germe) (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 7 – Extremidade articular distal de húmero esquerdo de *Bos primigenius*, com marcas de cutelo e fractura intencional na extremidade distal de diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 19 – La Rebanadilla.1 – Hemimandíbula esquerda de *Ovis aries*, com M/2 e M/3 com desgaste médio (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 2 – Hemimandíbula direita, juvenil de *Capra hircus*, com D/3 e D/4 com desgaste fraco (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 3 – Porção de hemimandíbula lacteal esquerda de *Ovis/Capra*, com D/2, D/3 e D/4 (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 4 – Hemimandíbula esquerda de *Capra hircus*, com P/3, P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste médio (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 5 – Hemimandíbula esquerda, juvenil, de *Ovis aries*, com D/3, D/4 e M/1 com desgaste fraco (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 6 – Hemimandíbula esquerda de *Ovis aries*, com P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste forte (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 7 – Hemimandíbula esquerda de *Capra hircus*, com M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 8 – Hemimandíbula esquerda de *Ovis aries*, com P/2 a M/3 (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 9 – Hemimandíbula direita de *Ovis aries*, com P/3, P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 10 – Hemimandíbula esquerda de *Ovis/Capra*, com P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 20 – La Rebanadilla. Restos de *Ovis/Capra*. 1 – Metade distal de húmero esquerdo partido intencionalmente na diáfise (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 2 – Metade distal de húmero esquerdo partido intencionalmente na diáfise distal (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 3 – Extremidade distal de húmero direito (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 4 – Metade distal de húmero esquerdo partido intencionalmente na diáfise (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 5 – Metade distal de húmero esquerdo (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 6 – Diáfise de húmero esquerdo partida intencionalmente nas duas extremidades (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 7 – Extremidade distal de húmero esquerdo partida na sup. articular (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 8 – Metade anterior de rádio esquerdo, fracturado intencionalmente na diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 9 – Diáfise de rádio com muitas marcas de roidela na face anterior (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 10 – Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 11 – Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades por percussão (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 12 – Diáfise de rádio fracturado intencionalmente nas duas extremidades (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 13 – Diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 14 – Diáfise de rádio partida intencionalmente nas duas extremidades (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 21 – La Rebanadilla. Restos de *Ovis/Capra*. 1 – Porção distal de rádio esquerdo partido na diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 2 – Diáfise de tibia com fractura intencional nas duas extremidades, encontrando-se uma delas roída (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 3 – Porção distal de fêmur direito com fractura intencional na parte inferior da diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 4 – Metade distal de tibia direita fracturada intencionalmente na diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 5 – Metade distal de tibia esquerda partida intencionalmente na diáfise (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1326); 6 – Metade distal de tibia direita com fractura intencional na diáfise (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 7 – Porções distal de tibia direita, partida intencionalmente na diáfise (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 8 – Metade distal de diáfise de tibia, partida intencionalmente na diáfise de juvenil, com falta de sup. articular distal (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 9 – Calcâneo esquerdo (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 10 – Calcâneo esquerdo (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 11 – Metade distal de metacárpico esquerdo partido intencionalmente na diáfise (Estrutura 5 – UE 2113, Bolsa 1325); 12 – Metatársico esquerdo de juvenil com falta de sup. articular distal (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322); 13 – Metacárpico esquerdo partido longitudinalmente na diáfise (Estrutura 3 – UE 2167, Bolsa 1335); 14 – Porção proximal de metacárpico esquerdo com falta extremidade distal (Estrutura 5 – UE 2114, Bolsa 1327); 15 – 1.^a Falange (Estrutura 2 – UE 2111, Bolsa 1322). Fotos de J. L. Cardoso.

Para a costa atlântica portuguesa, importa considerar os trabalhos realizados sobre faunas dos estabelecimentos fenícios de Santa Olaia (MARTINS, 2020; MARTINS & CARDOSO, 2023, no prelo); Almaraz (CARDOSO, 1993b; 2000); Abul (CARDOSO, 2000; 2001; 2004); Rocha Branca (CARDOSO, 1993b; 2000); e os estudos realizados nos povoados considerados de origem indígena do Castelo de Alcácer do Sal (CARDOSO, 2000); Alcáçova de Santarém (CARDOSO, 2000; DAVIS, 2006); e Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999/2000; CARDOSO, 2004), com ocupações dos séculos VIII a VI a.C.. (Quadro 9)

Quadro 9 – Representação percentual dos principais grupos de mamíferos presentes nos principais estabelecimentos fenícios portugueses, e povoados considerados indígenas, da costa atlântica e Algarve (seg. MARTINS, 2020, adaptado).

Sítio	Taxa (%)									N	Referências
	BOS	OC	SUS	EQ	BOP	CEE	ORC	LEP	CAR		
La Rebanadilla	16	80	3	<1	<1	-	<1	-	-	712	Presente estudo
Santa Olaia (Fig. da Foz)	30	24	22	-	-	15	-	-	9	98	Martins & Cardoso, 2023
Al. de Santarém	24	46	20	-	-	9	<1	-	-	106	Cardoso, 1996
Al. de Santarém (Fe1-7)	20	36	19	1	-	17	7	-	<1	693	Davis, 2006
Sé de Lisboa	22	51	18	-	<1	3	3	-	2	246	Arruda, 1999/2000
Almaraz	29	63	6	<1	-	<1	3	-	-	439	Cardoso, 1996
Alcácer do Sal	14	14	21	-	-	7	43	-	-	14	Cardoso, 1996
Abul	20	30	13	-	-	3	34	-	-	202	Cardoso, 1996
Rocha Branca	33	18	10	20	-	8	5	-	7	199	Cardoso, 1996

As percentagens foram calculadas a partir do número de restos identificados (N). No caso dos suídeos não se discrimina entre porco e javali. BOS, boi doméstico; OC, ovelha/cabra; SUS, porco/javali; EQ, cavalo; BOP, cf. auroque; CEE, veado; ORC, coelho; LEP, lebre; CAR, carnívoros.

Os resultados mostram que os bovinos, conjuntamente com os caprinos, são os animais dominantes na estratégia principal da exploração dos recursos da maioria dos povoados em apreço, seguidos pelos suínos, evidenciando resultados muito semelhantes, no seu todo, aos obtidos em La Rebanadilla.

Os valores percentuais mais elevados de bovinos foram registados nos estabelecimentos considerados de fundação fenícia da Rocha Branca, com 33,2% (CARDOSO, 1996), e Santa Olaia (MARTINS & CARDOSO, 2023).

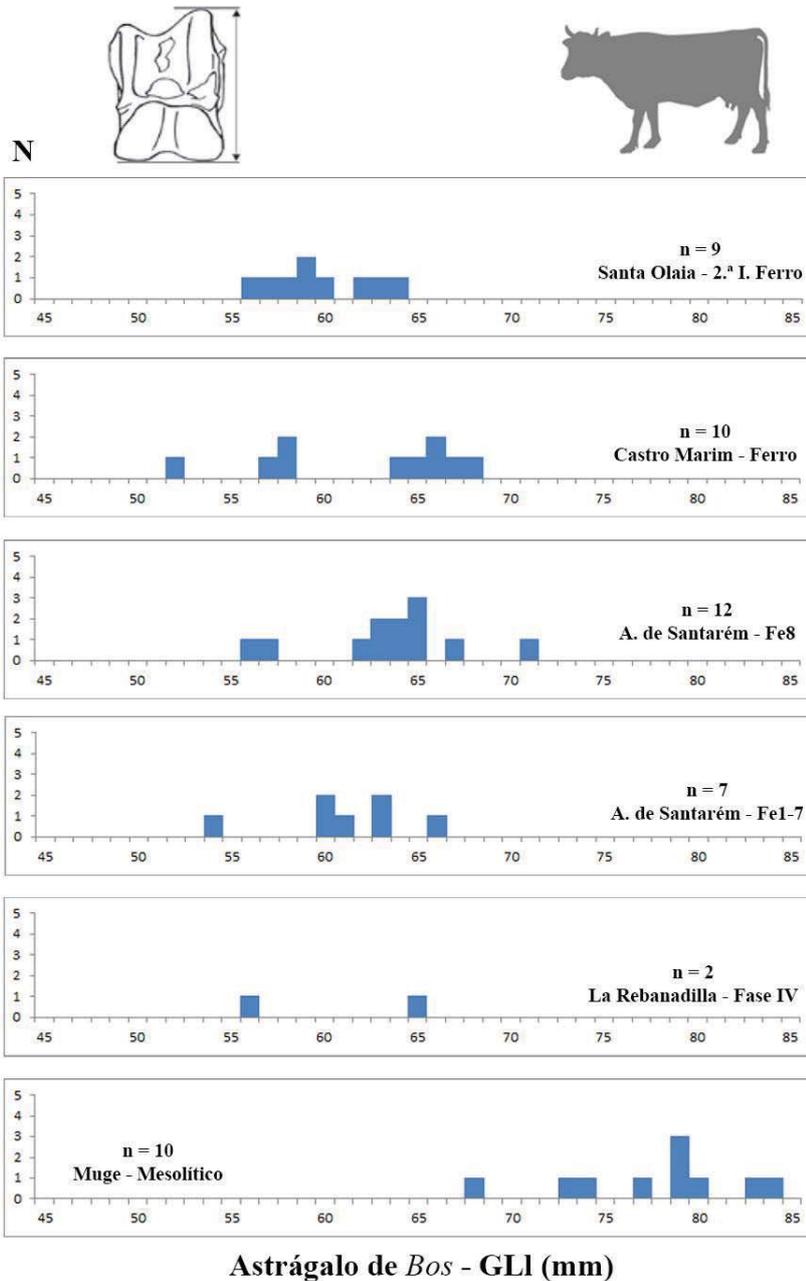
Foram comparadas as medidas de dois astrágalos de La Rebanadilla com as obtidas na Alcáçova de Santarém FeI-7, de exemplares da 1.^a Idade do Ferro, Alcáçova de Santarém Fe-8, Castro Marim (DAVIS & DETRY, 2013), e Santa Olaia (MARTINS & CARDOSO, 2023), de exemplares da 2.^a Idade do Ferro. Utilizaram-se também para o efeito astrágalos de auroque, recolhidos nos concheiros mesolíticos de Muge (DETRY, 2007). Deste exercício, conclui-se que os exemplares da La Rebanadilla são atribuíveis seguramente à espécie doméstica (Gráfico 1).

Os caprinos, que ocupam o primeiro lugar no conjunto dos restos determinados de La Rebanadilla (79,7%), não encontram paralelo nos resultados registados em Almaraz (62,6%), Santarém (46,2% e 35,6%) e Abul (30,2%), sempre inferiores. Com base nas observações feitas sobre o estado de fusão das epífises, os animais seriam mantidos, mesmo depois de atingido o seu máximo tamanho, tendo em vista a sua utilização para outros fins que não a obtenção da carne, embora esta fosse o objectivo último da sua criação.

Contrariamente aos resultados faunísticos obtidos para as estações da região de Málaga, e em particular para a estação de La Rebanadilla, os suídeos (porco doméstico ou javali), em algumas estações arqueológicas portuguesas, ocupam na dieta alimentar destas populações um papel relativamente importante, destacando-se Santa Olaia com o registo mais elevado de todas as estações comparadas (22,4%). No entanto, desconhece-se

na maioria dos casos se se trata da espécie doméstica ou selvagem, sendo mais provável que correspondesse maioritariamente a esta alternativa, face à assinalável presença do veado. Nas restantes estações comparadas observam-se algumas diferenças significativas entre os povoados indígenas, com maior representatividade de suínos (Castelo de Alcácer do Sal, com 21,4%; Alcáçova de Santarém, com 19,8%, e Sé de Lisboa, com 17,5%), em comparação com os estabelecimentos fenícios: Rocha Branca, com 10,1%; Abul, com 12,9%; e Almaraz, com 5,5%.

Gráfico 1 - La Rebanadilla. Série de histogramas com as medidas do comprimento lateral (GLI) do astrágalo de *Bos*, em milímetros. Medidas comparativas de astrágalos de auroque de Muge (Mesolítico) e de astrágalos de boi doméstico de diversos sítios da Idade do Ferro do território português.



De salientar o valor elevado da caça do veado em Santa Olaia (15,3%), e na Alcáçova de Santarém, em comparação com as restantes estações (Quadro 9), espécie inexistente no registo de Rebanadilla. No entanto a evolução do registo faunístico na 2.^a Idade do Ferro mostra a diminuição da actividade cinegética naquelas duas estações, passando a caça a ter um papel secundário em Santa Olaia (9,2%) e na Alcáçova de Santarém (9%) (MARTINS, 2020; MARTINS & CARDOSO, 2023).

O auroque (*Bos cf. primigenius*) ocorre provavelmente de forma residual em La Rebanadilla, estando representado por dois restos associados à Estrutura 5 (UE2260). Como já foi referido, tem equivalente em um resto na Sé de Lisboa, nos níveis da Idade do Ferro.

O cão encontra-se presente (directa e indirectamente) em praticamente todos os sítios arqueológicos portugueses comparados, com valores percentuais pouco relevantes, e sem evidência do seu consumo ritual, apenas verificado em Monte Molião, Lagos em contexto da 2.^a Idade do Ferro, de onde provém segmento distal de humero com marcas de corte indicadoras de desmembramento (DETRY & ARRUDA, 2013, Fig. 7). Situação comparável foi registada em Almaraz, com a ocorrência de crânios isolados, e de esqueletos deles desprovidos (CARDOSO & GOMES, 1997; CORREIA, 2015) e em Santa Olaia, com registo de fragmentos de crânio isolado, um em contextos da 1.^a e outro em contextos da 2.^a Idade do Ferro (MARTINS & CARDOSO, 2023).

8 – PRODUÇÕES CERÂMICAS ASSOCIADAS

As cerâmicas recolhidas nas estruturas da Fase IV, de onde provém a maioria dos restos objecto deste estudo (Estrutura 2-UE2110, Estrutura 3-UE2165, Estrutura 4-UE2170 e Estrutura 5-UE2260) forneceram informações sobre os processos de preparação, apresentação e consumo dos alimentos, permitindo interpretar algumas das marcas e vestígios presentes nos restos ósseos. Para este trabalho foram seleccionados os possíveis recipientes utilizados na preparação de alimentos (principalmente potes/panelas) e para o serviço geral de alimentos já preparados (taças de pé, tigelas e pratos).

Para o efeito, foram realizados gráficos com a distribuição dos materiais cerâmicos por estruturas (Gráficos 2 a 5). Na representação percentual indicada em cada gráfico verifica-se uma diferença notável no número de fragmentos provenientes de cada uma delas, bem como nas distribuições percentuais por tipologias. Destaca-se a estrutura 3-UE2165 com 1025 fragmentos (Gráfico 3), correspondente a poço ritual onde foram depositados os restos de um banquete cerimonial comunitário. Os escassos restos recolhidos na estrutura 4-UE2170, apenas 143 fragmentos (Gráfico 4), explica-se por corresponder a uma oficina de artesanato, sem relação directa com a prática alimentar, ritual ou não. As outras duas estruturas forneceram um número de fragmentos com valores intermédios, pondo relacionar-se com estruturas de natureza habitacional.

Comparadas as percentagens dos recipientes correspondentes às diversas tipologias encontradas na estrutura 3-UE2165, ritual, e na estrutura 4-UE2170, de natureza oficial, observam-se diferenças. Bilhas e ânforas, recipientes de armazenamento e transporte, são proporcionalmente mais importantes na estrutura 4-UE2170, assim como jarros, copos e tigelas, recipientes associados ao consumo de líquidos. Por outro lado, na estrutura 3-UE2165, potes e pratos estão melhor representados. Em ambas as estruturas, como na estrutura 2-UE2110 e na estrutura 5-UE2260, as taças de pé têm uma presença marcante com presença entre 7,5% e 10,8%.

Os gráficos respeitantes às estruturas 2-UE2110 e 4-UE2170 são semelhantes, enquanto a estrutura 5-UE2260 apresenta uma distribuição percentual de fragmentos semelhante à estrutura 3-UE2165, ambas com número considerável de peças cerâmicas.

Gráfico 2 – La Rebanadilla. Distribuição do número absoluto e percentual dos materiais cerâmicos recolhidos na estrutura 2-UE2110.

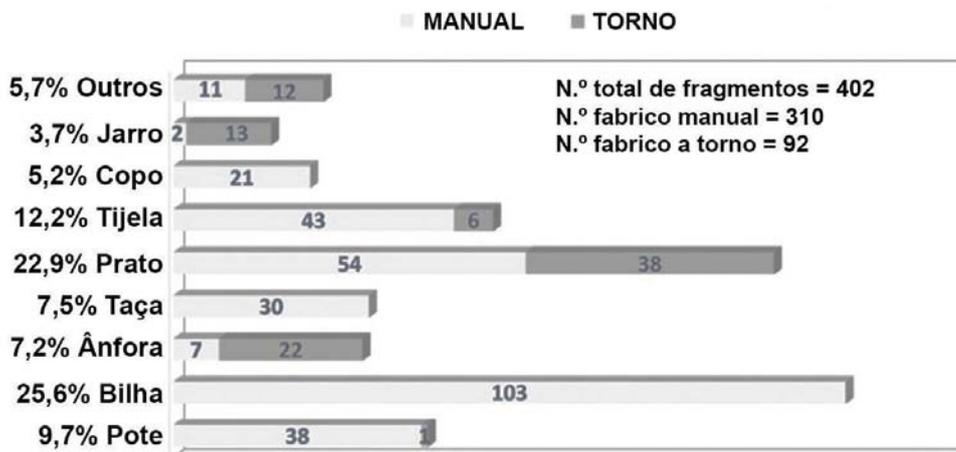


Gráfico 3 – La Rebanadilla. Distribuição do número absoluto e percentual dos materiais cerâmicos recolhidos na estrutura 3-UE2165.

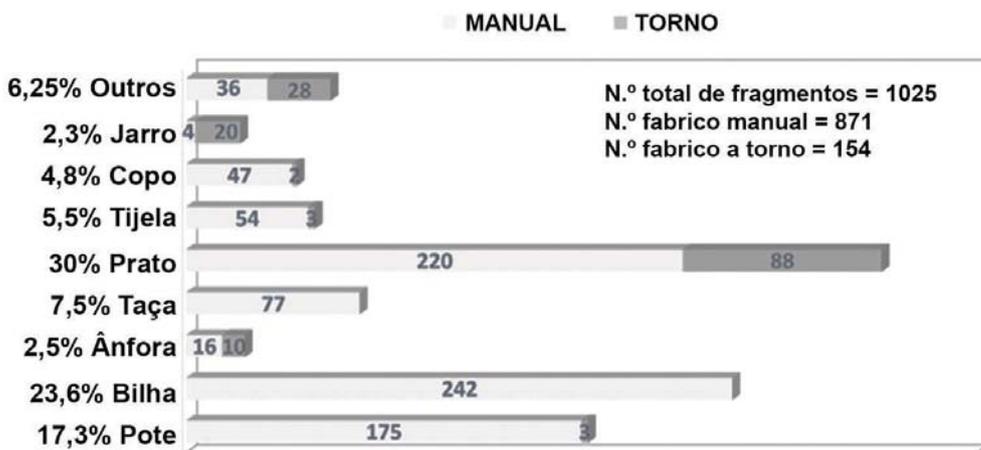


Gráfico 4 – La Rebanadilla. Distribuição do número absoluto e percentual dos materiais cerâmicos recolhidos na estrutura 4-UE2170.

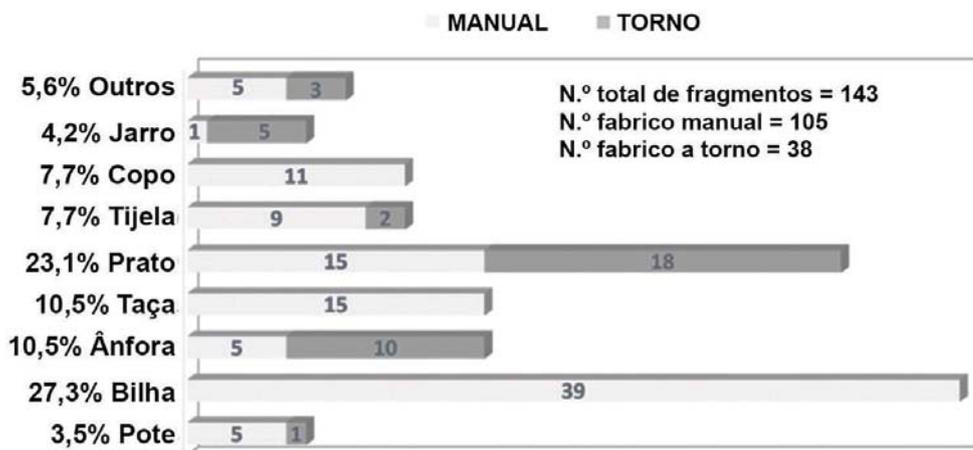
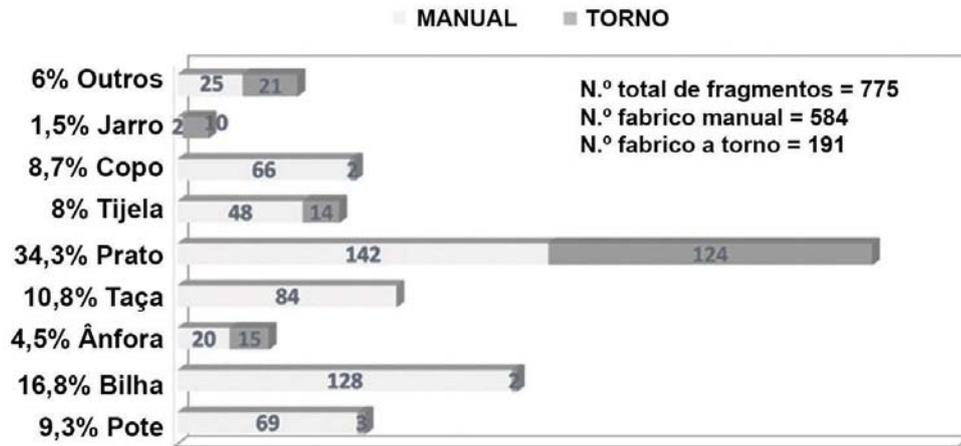


Gráfico 5 – La Rebanadilla. Distribuição do número absoluto e percentual dos materiais cerâmicos recolhidos na estrutura 5-UE2260.



Deste modo, pode-se admitir que estas duas estruturas tenham assumido funcionalidades idênticas, enquanto as duas últimas correspondam a depósitos formados na sequência de banquetes cerimoniais, já que a distribuição tipológica das peças provenientes de ambas é semelhante.

Procedendo agora à comparação destes resultados com a distribuição qualitativa e quantitativa dos correspondentes restos ósseos recolhidos em cada uma das estruturas, observa-se que, na estrutura 4-UE2170, a escassez de restos faunísticos dela provenientes contrasta com a presença marcante de *Bos taurus*, correspondendo a 38,5% do número total de restos e a 66,7% do número mínimo de indivíduos (Quadro 4). Como já foi referido, esta estrutura relaciona-se com uma oficina de manufatura do marfim, pelo que a presença significativa de restos de *Bos taurus* no seu interior poderá dever-se ao facto de também poderem ser processados ossos desta espécie; porém, nenhuma marca nos restos encontrados permite confirmar tal possibilidade.

As estruturas 2-UE2110, 3-UE2165 e 5-UE2260 apresentam resultados semelhantes quanto ao número de restos de caprinos, com percentagens próximas dos 80%, mas que variam em função do número mínimo de indivíduos. A presença de diáfises dos ossos longos intencionalmente seccionadas em pedaços de 5 a 10 cm, como os da estrutura 3-UE 2165, revela o modo de preparação da carne, sugerindo guisados, cozidos e ensopados, onde a carne, depois de cozinhada, podia ser facilmente separada do osso, não conservando neste quaisquer marcas de corte. Estes cozinhados poderiam ser efectuados em panelas, como as documentadas, de tamanho e aberturas propícias à introdução de pedaços de carne no seu interior, ao mesmo tempo, que o seu formato bojudo favorecia o cozimento dos alimentos. Os potes correspondem a uma variedade de tamanhos, formas e tipos, correspondentes à forma VIII, potes ovóides de perfil simples, à forma IX, pequenos potes ovóides com gargalo marcado e bordo saliente, e à forma X, potes ovóides de tamanho médio com gargalo marcado e bordo saliente, da classificação realizada para o Cerro de Cabezuelos, Jódar, Jaén (DORADO *et al.*, 2015, p. 279-280).

A par destas, de tradição local, encontram-se, em menor número, apenas uma dezena de exemplares, correspondentes a recipientes fenícios, representados pelos exemplares 2111/098, 2162/186-2164/066, 2162/209, 2167/095 e 2168/064 (Fig. 22).

A diferença entre os potes e as bilhas deve-se, em geral, essencialmente, ao tamanho. Esta divisão tipológica oculta a existência de grandes tachos para cozedura de grandes pedaços de carne, sobretudo porque os fragmentos do fundo dos recipientes de ambas tipologias, onde se verificam marcas de exposição directa ao fogo, em muitos casos não são suficientemente representativos para determinar o grupo tipológico a que pertencem (Fig. 23).

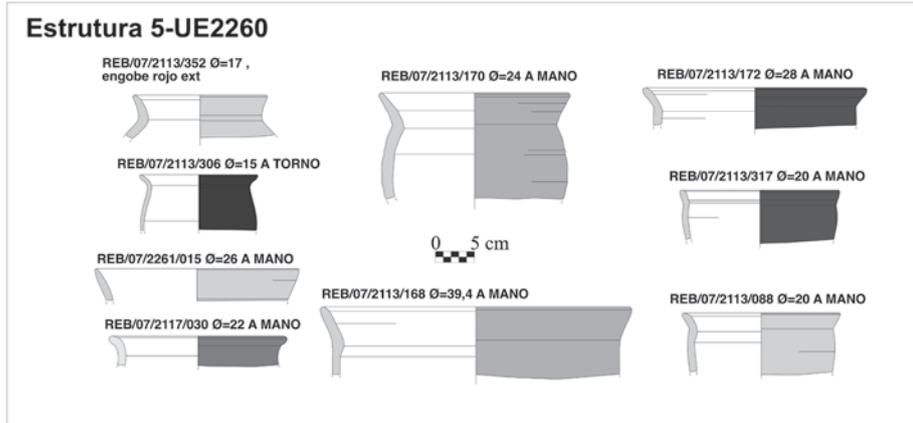
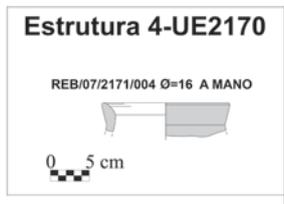
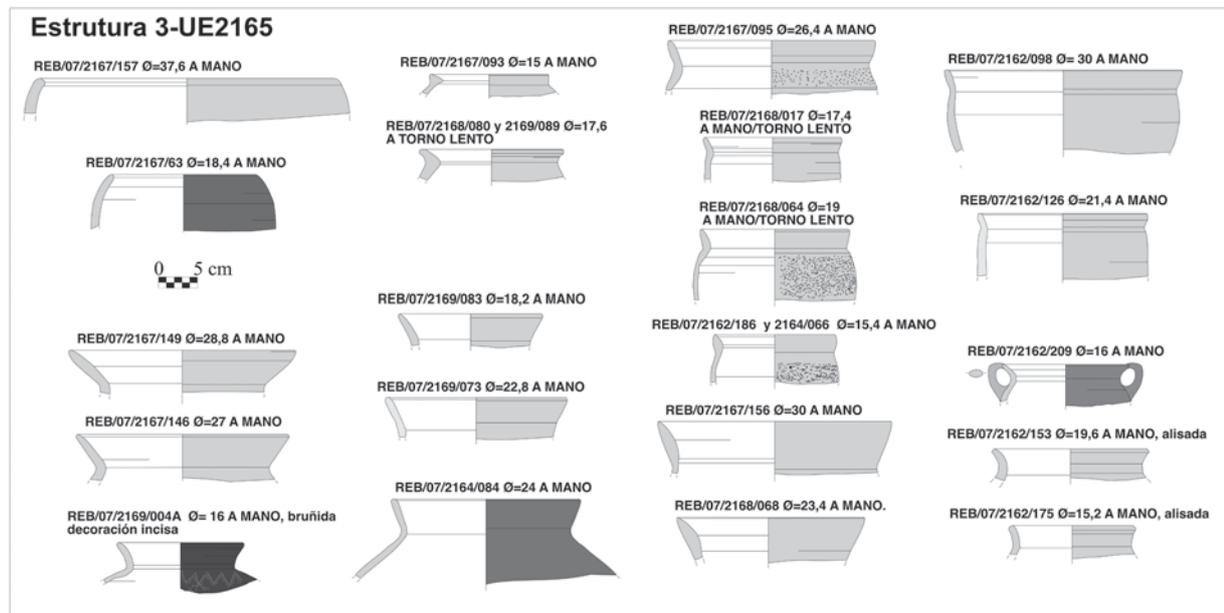
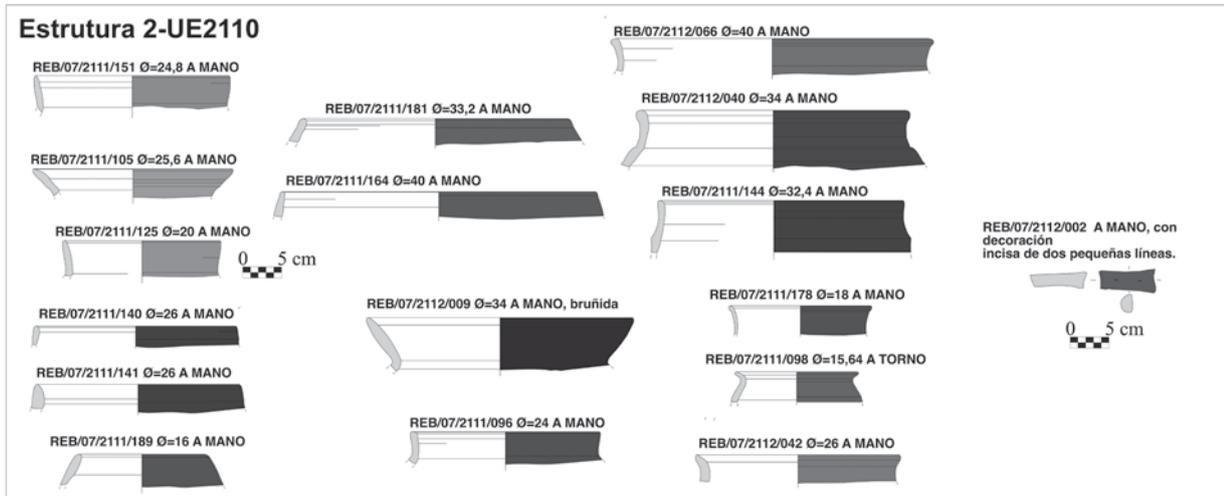


Fig. 22 – La Rebanadilla. Representação tipológica de potes / panelas, de fabrico manual ou a torno lento, recolhidos nas diferentes estruturas identificadas.

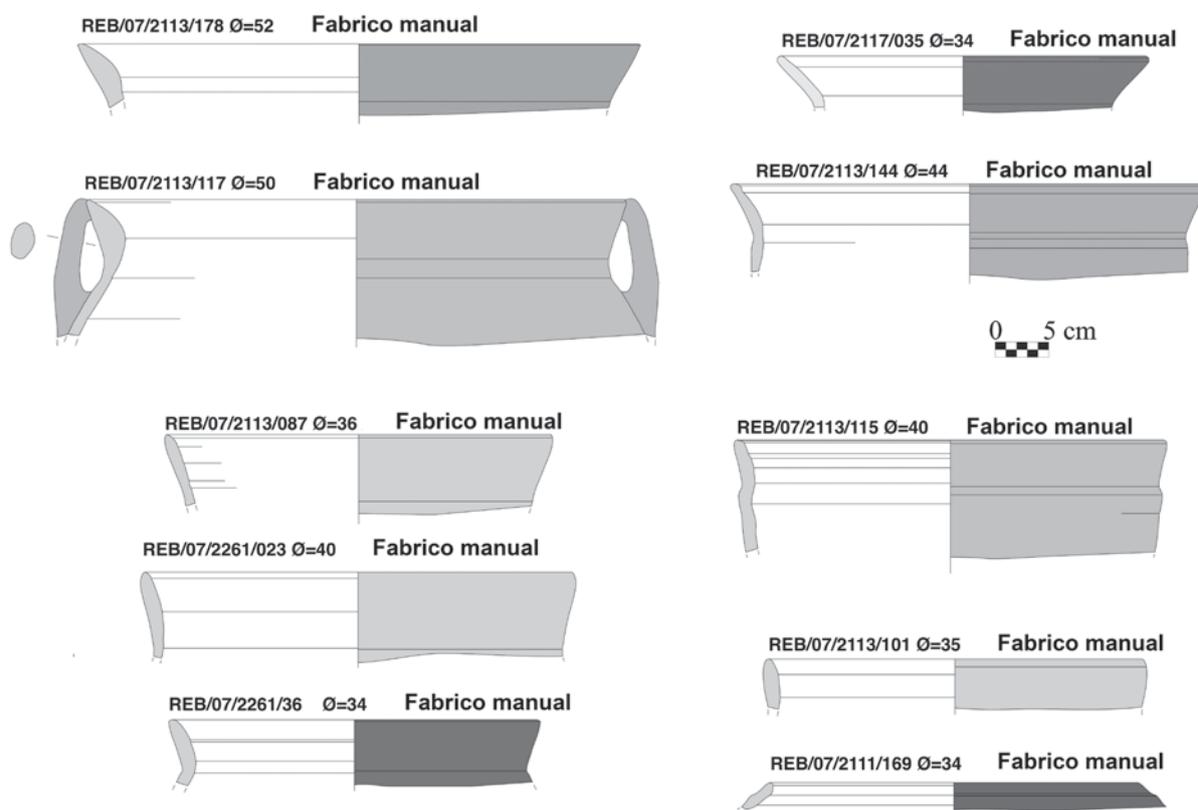


Fig. 23 – La Rebanadilla. Representação tipológica de bilhas, de fabrico manual, recolhidas nas diferentes estruturas identificadas.

Os ossos de *Bos taurus* também apresentam fracturas intencionais, para extracção do tutano, havendo marcas de corte de faca em muitos deles, para retirar a carne do osso, ao contrário do que acontecia com os de ovelha/cabra, onde, como já foi dito, a cozedura em água durante longos períodos permitia que a carne se desprendesse facilmente do osso, explicando as ausências de marcas de corte.

A presença generalizada de hemimandíbulas de ovelha/cabra em todos os contextos, em muitos casos intencionalmente fragmentadas, sugere que as bochechas de ovinos e caprinos eram outro dos pratos típicos da cozinha de La Rebanadilla. As marcas de intenso calor documentadas em uma hemimandíbula direita com P/3 a M/1 recolhida na estrutura 2-UE2110 (UE2111), como num resto de dente solto, M/2 esquerdo, recolhido na estrutura 5-UE2260 (UE2117) sugere que a preparação de tais peças culinária era feita directamente ao fogo, configurando uma prática ainda hoje frequente no sul de Portugal.

Dos poucos restos identificados como suínos, destaca-se a presença de um fragmento de maxilar, recolhido na estrutura 3-UE2165 (UE 2167) (Fig.18, n.º 1), e uma porção de hemimandíbula direita com D/3 e D/4 de individuo juvenil, associada à estrutura 5-UE2260, ambas com marcas de fogo, pelo que as bochechas de porco também se apresentavam na dieta da Fase IV de La Rebanadilla, revelando que a receita para cozinhá-las, directamente sobre o fogo, era semelhante às utilizadas para as cabeças de caprinos.

Para além destes, foram registados no conjunto outros restos com marcas de fogo. É o caso de uma diáfise de tibia de *Ovis/Capra* intencionalmente partida, relacionada com a estrutura 2-UE2110 (UE 2112) e de um exemplar de *Ovis/Capra* totalmente escurecido e esbranquiçado pela acção do fogo prolongado oriundo da estrutura 5-UE2260 (UE 2113).

No interior da estrutura 3-UE2165, durante o processo de escavação, foi identificada uma lareira de onde provieram materiais arqueológicos e fragmentos de argila endurecida pelo fogo recolhidos nas cinzas (UE 2270), sendo que a camada terrosa abaixo desses restos se encontrava queimada e enegrecida (UE 2271). Esta lareira, tendo em conta a existência de ossos com marcas de fogo, como a porção de maxilar de porco (recolhida na UE2167), poderá ter sido utilizada durante um banquete comunitário, confeccionando a carne directamente exposta ao fogo. Não esquecer que La Rebanadilla, especialmente na Fase III, corresponde a um espaço religioso (SÁNCHEZ *et al.*, 2018; 2020) onde foram identificadas várias estruturas de combustão/altares, onde se prepararam, de forma directa por acção do fogo, os animais (Fig. 24).

Outro recipiente importante registado neste estudo são as taças. Estes grandes recipientes com mais de 30 cm de diâmetro, e que nalguns casos podem chegar aos 50 cm, de profundidade variável, podem ser divididos em dois grandes grupos. Os recipientes carenados, que correspondem aos tipos V, grandes taças profundas, VI, taças planas carenadas com bordo curvo muito saliente, e VII, taças muito planas, grandes taças carenadas, da classificação utilizada para o Cerro de Cabezuelos, Jódar, Jaén (DORADO *et al.*, 2015, p. 278-279); e os grandes pratos, entre 30 e 50 cm, sem carena, com várias profundidades. Alguns exemplos deste último grupo são os grandes pratos fenícios feitos ao torno. Dependendo da profundidade dos recipientes, verifica-se que os recipientes mais fundos são os mais adequados para consumir alimentos, como caldos, cozinhados em água. As taças mais planas seriam destinadas a servir alimentos sólidos, como peixes ou carnes. Desta forma, poderíamos pensar que os recipientes carenados serviriam para consumir alimentos, como os ensopados de borrego, representados pelos ossos com cerca de 5 cm, sem marcas de fogo e sem marcas de corte de faca. Recipientes planos, como os não carenados, seriam mais apropriados para servir bochechas de cordeiro ou de porco assadas, como sugere a presença de vestígios de fogo nos ossos. (Fig. 25).

Para o consumo de carnes cozidas em água, está documentado um grande conjunto de pratos/tigelas com cerca de 20 cm de diâmetro e 5 cm ou mais de profundidade. Estas podem ser de fabrico manual, tanto hemisféricas, com bordo espessado ou não, ou carenados, principalmente com carenas altas e bordos abertos para fora.

Os pratos/taças feitas ao torno rápido, de origem fenícia, com mais de 5 cm de profundidade, pertencem aos grupos 7, 8, 10 e 11 da tipologia utilizada por Bikai (BIKAI, 1978) e aos pratos *fine ware* (louça fina) ao Tipo 1 (Fig. 26).

9 – CONCLUSÕES

Estudados os restos faunísticos recolhidos nas cinco estruturas escavadas no substrato natural, atribuídas à Fase IV, aos finais do séc. IX a.C., avultam as seguintes conclusões gerais:

1 – As espécies domésticas são quase exclusivas, representadas pelos caprinos (ovelha e cabra), e o boi doméstico. Estes constituíam a base da estrutura alimentar proteica desta comunidade, representando cerca de 96% do conjunto analisado. Enquanto vivos, seriam também explorados pelos seus produtos secundários, conforme indicam os padrões de abate para ambos os grupos, destacando-se os bovinos, utilizados como força motriz.

Tanto o porco doméstico como, provavelmente, o javali, estão presentes no conjunto, embora não ocorram na Estrutura 1 (UE2100) e na Estrutura 4 (UE2170). A fraca representatividade dos suínos evidencia a reduzida importância que teriam na alimentação, em obediência à interdição religiosa do consumo de carne de porco (*Sus domesticus*).



Fig. 24 - La Rebanadilla. 1 - Pormenor da lareira identificada na estrutura 3-UE2165, e do conjunto de materiais relacionados com esta (UE 2270); 2 - terra queimada da camada (UE 2271). Foto Arqueoestudio S. Coop.

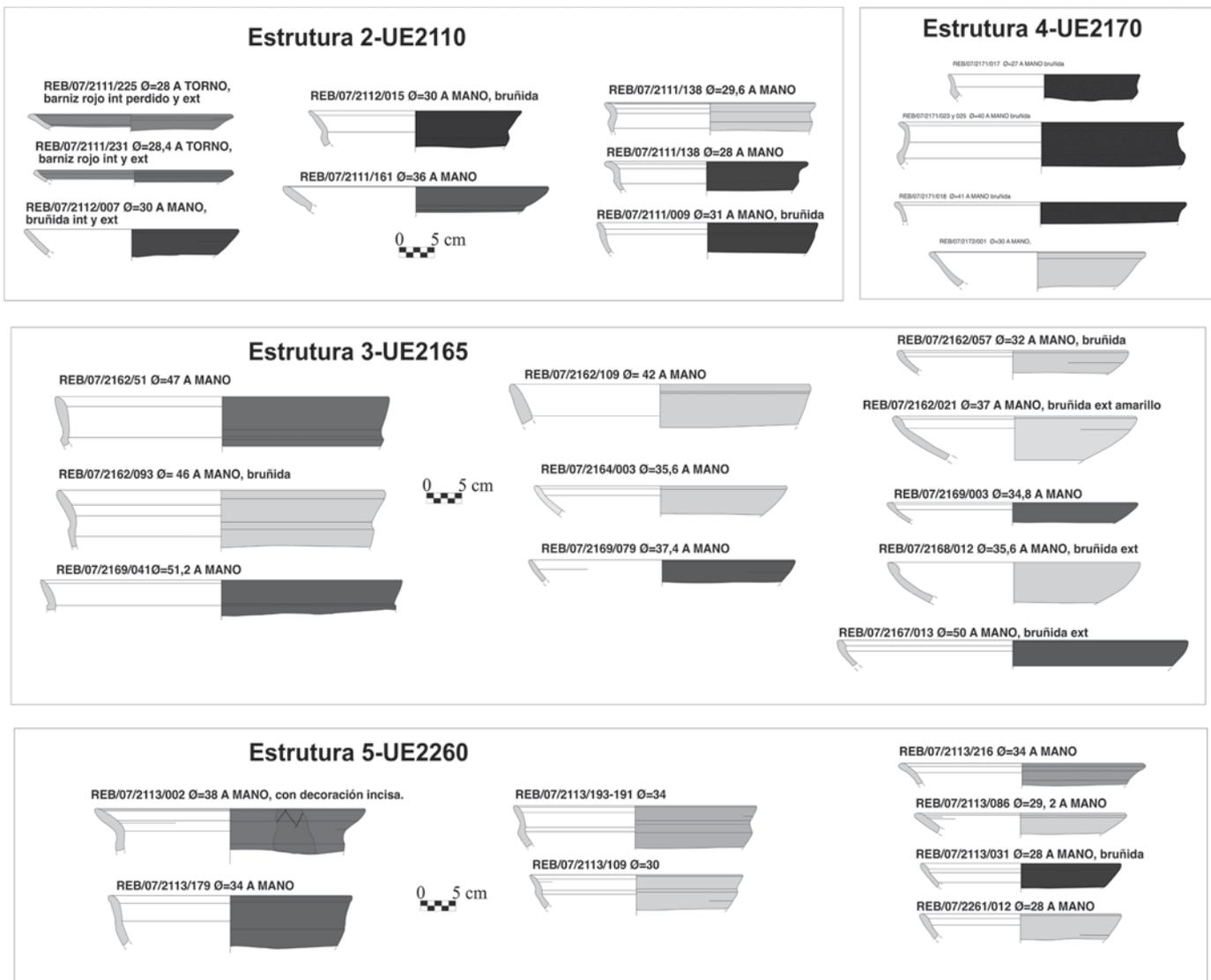


Fig. 25 - La Rebanadilla. Representação tipológica de taças, de fabrico manual ou a torno, recolhidas nas diferentes estruturas identificadas.

2 - A escassez de restos pertencentes a espécies selvagens revela o pouco interesse atribuído à caça por parte destas populações. No entanto, é de destacar a presença provável do auroque, animal capturado com recurso a armadilhas e caça em grupo, para além do coelho e, provavelmente, do javali. A ausência de restos de veado no registo estudado, presente na maioria das estações arqueológicas comparadas, é, face ao exposto, facilmente explicável: a prática da caça, não fazia parte dos hábitos destas populações sedentárias, essencialmente voltadas para o estuário do rio Guadalhorce e para o comércio marítimo.

3 - Foram identificadas marcas antrópicas, sendo as mais frequentes representadas por finas incisões, em restos, por ordem decrescente, de ovinos / caprinos e bovinos, sendo mais raras as provocadas por cutelo, observadas em restos de bovinos, ovinos /caprinos e eventualmente auroque, destinadas sobretudo ao secionamento dos membros dos animais.

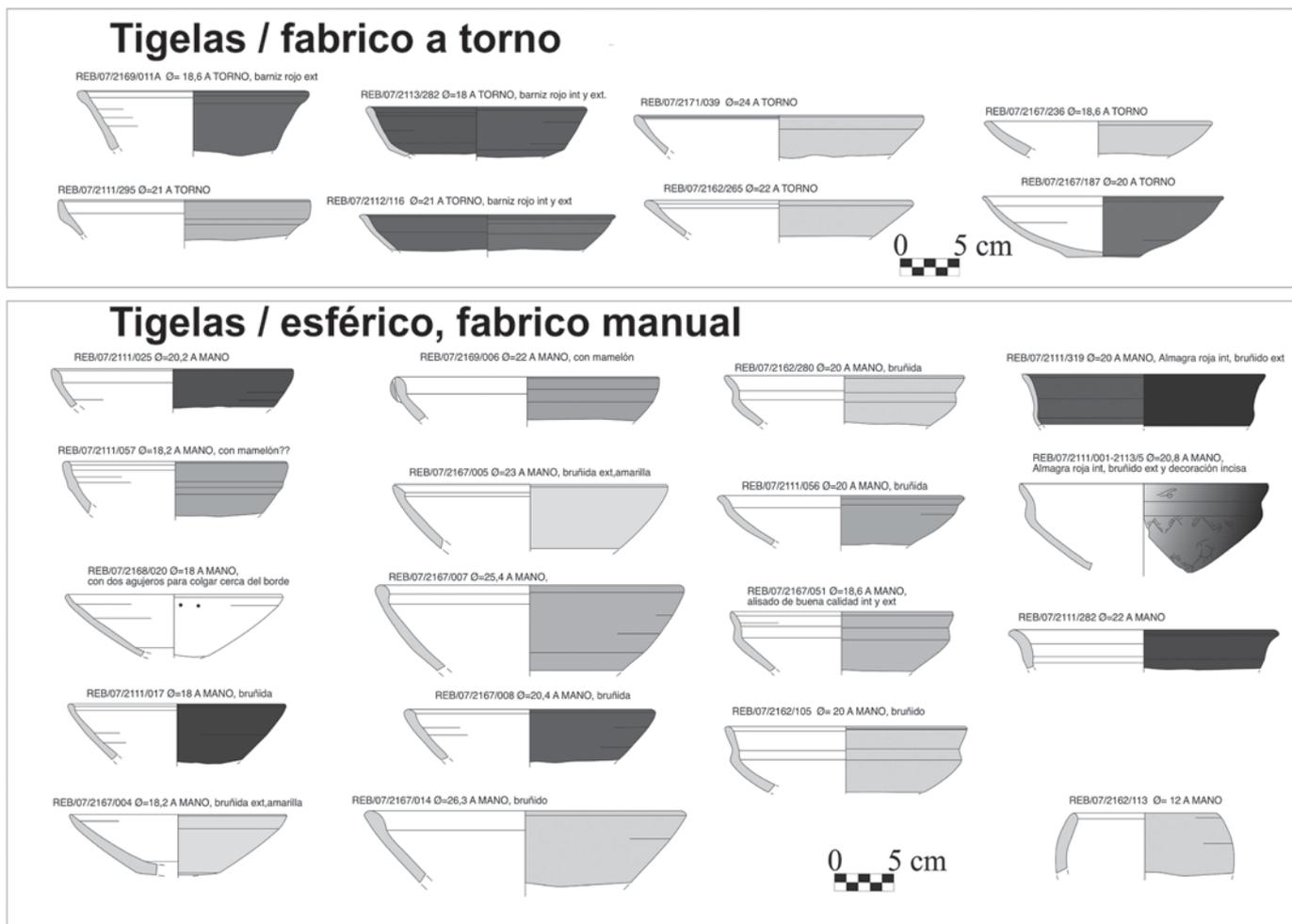


Fig. 26 – La Rebanadilla. Representação tipológica das tigelas de fabrico a torno e tigelas / esférico de fabrico manual, recolhidas nas diferentes estruturas identificadas.

Destaca-se a presença de elevado número de diáfises de tíbia, de rádio e de humero de *Ovis aries* / *Capra hircus*, seccionadas intencionalmente nas duas extremidades, associadas à preparação de nacos de carne, de modo a poderem ser introduzidos em recipientes próprios, para a confecção de ensopados.

As marcas antrópicas de alteração pelo fogo observadas são pouco frequentes, tendo sido identificadas em restos de caprinos, bovinos e suínos, denunciando a prática de churrascos.

4 – Foram detectadas marcas de animais nalguns ossos estudados. Alguns encontram-se roídos e/ou com pequenas mordidelas, provocadas por carnívoros. Estes animais poderiam ser selvagens, ou domésticos, que habitavam no local, como os cães. No entanto não se verificou no registo faunístico, da Fase IV, a presença directa desta espécie, representada em assinalável número de estações arqueológicas desta época. No entanto, convém mencionar a presença desta espécie na Fase III, na estrutura UE 1513, onde foi recolhida uma hemimandíbula de cão (*Canis familiaris*) associada a fragmentos de dois crânios humanos, revelando a utilização desta espécie em práticas rituais como foi já de há muito assinalado em Portugal (CARDOSO & GOMES, 1997; CORREIA, 2015).

5 – O espectro faunístico identificado conjuntamente com os resultados respeitantes a outras estações arqueológicas da mesma época evidencia o domínio absoluto dos animais domésticos na economia destas populações; o escasso aproveitamento dos recursos cinegéticos seguramente disponíveis na região envolvente é revelador de comunidades estáveis, complexas e com uma economia de produção especializada e desenvolvida de forma intensiva, acompanhada da conseqüente actividade comercial, onde a prática da caça não teria lugar.

6 – A integração dos dados faunísticos na tipologia das produções cerâmicas, recolhidas em cada estrutura identificada, permitiu verificar que os potes ou panelas, juntamente com outras formas fechadas para conter líquidos, eram os recipientes mais utilizados para a preparação dos cozidos, guisados, caldos e ensopados – práticas mais usadas na confecção de alimentos de acordo com os resultados obtidos da observação das superfícies dos próprios restos faunísticos.

Os recipientes associados ao consumo dos produtos confeccionados, fossem eles nacos cozidos, grelhados ou churrascos, correspondem a tigelas e pratos, devendo destacar-se o elevado número deste tipo de recipientes presente na estrutura 3-UE2165, correspondente a um grande banquete cerimonial.

AGRADECIMENTOS

A determinação das espécies de mamíferos presentes na estação de La Rebanadilla foi realizada em Málaga pelo primeiro signatário, graças aos apoios concedidos para o efeito, na qualidade de Investigador do Projecto “El patrimonio fenicio en el litoral oriental andaluz. Investigación, puesta en valor y difusión”, financiado pelo Ministério de Cultura de Espanha, tendo como Investigador Responsável o Prof. Doutor José Luis López Castro (Universidad de Almería), Projecto P06-HUM-01575, a quem cumpre agradecer.

REFERÊNCIAS

- ALBARELLA, U.; DAVIS, S.; DETRY, C & ROWLEY-CONWY, P. (2005) – Pigs of the “Far West”: the biometry of *Sus* from archaeological sites in Portugal. *Anthropozoologica*. Paris. 40, p. 27-54.
- ARRUDA, A. M. (1999/2000) – Los Fenicios en Portugal. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea* 5/6 Barcelona, Laboratorio de Arqueología/ Universidad Pompeu Fabra.
- ARANCIBIA, A.; GALINDO, L.; JUZGADO, M.; DUMAS, M. & SÁNCHEZ V. M. (2011) – Aportaciones de las últimas intervenciones a la arqueología fenicia de la Bahía de Málaga, en M. Álvarez Martí-Aguilar (ed.): *Fenicios en Tartessos: Nuevas perspectivas*, (BAR International Series, 2245), Oxford, p. 129-149.
- AUBET, M. E.; CARMONA, P.; CURIÀ, E.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ, A.; PÁRRAGA, A. (1999) – *Cerro del Villar I. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía, Sevilla.
- BARRIONUEVO, C. A. P. (2015) – Economía y sociedad rural fenicia en el Mediterráneo Occidental. *Historia y Geografía*, n.º 280. Universidad de Sevilla.
- BERNALDEZ-SANCHEZ, E. (1990) – Estudio faunístico de la excavación de San Agustín-86 en la ciudad de Málaga, in Angelo Recio Ruiz, *La cerámica fenicio-punica, griega y etrusca del sondeo de San Agustín (Málaga)*. Col. Monografías, 3, Dip. Provincial de Málaga, p. 167-173.
- BIKAI, P. M. (1978) – *The Pottery of Tyre*, Warminster.

- BOESSNECK, J.; MULLER, H.-H. & TEICHERT, M. (1964) – Osteologische Unterscheidungsmerkmale zwischen Schaf (*Ovis aries* Linné) und Zeige (*Capra hircus* Linné). *Kuhn-Archiv* 78, p. 1-129.
- CARDOSO, J. L. (1993a) – *Contribuição para o conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1993b) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais* 4, p. 109-126.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos, in J. de Alarcão (coord.), *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 160-170.
- CARDOSO, J. L. (2000) – Fenícios e indígenas em Rocha Branca, Abul, Alcácer do Sal, Almaraz e Santarém. Estudo comparado dos mamíferos, in M. E. Aubet– Semmler, (coord.), *Actas IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos I*. Cádiz (1995), Cádiz, Universidad de Cádiz, p. 319-327.
- CARDOSO, J. L. (2001) – Les mammifères d'Abul, Appendice IV, in Françoise Mayet & Carlos Tavares da Silva, *L'établissement Phénicien d'Abul, Portugal*, Paris: de Boccard, p. 281-293.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Arqueofaunas: balanço da sua investigação em Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, p. 281-298.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras 12).
- CARDOSO, J. L. (2011) – A fauna de mamíferos de Villaricos: materiais recolhidos na campanha de 1987. In J. L. López Castro *et al.* (eds.), *Baria I Excavaciones arqueológicas en Villaricos. La excavación de urgência de 1987*. Almería. Editorial Universidad da Almería, p. 145-150.
- CARDOSO, J. L. & GOMES, M. V. (1997) – O consumo de cão, em contextos fenício-púnicos, no território português. *Estudos Orientais*, 6, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 89-117.
- CARDOSO, J. L.; LÓPEZ CASTRO, J. L.; FERJAOUI, A.; MEDEROS MARTÍN, A.; MARTÍNEZ HAHNMULLER, V. & JERBANIA, I. (2016) – What the people of Utica (Tunisia) ate in the 9th century BC. Zooarchaeology of a North African early Phoenician settlement. *Journal of Archaeological Science, Reports* 8, p. 314-322.
- CASTAÑOS, P. (1991) – Animales domésticos y salvajes en Extremadura. Origen y evolución. *Revista de Estudios Extremeños* 47, p. 9-67.
- CORREIA, F. (2015) – Enterramento de cães na Quinta do Almaraz (Almada, Portugal). *Arqueologia de Transição: O Mundo funerário*, Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição, CHAIA, p. 113-124.
- DAVIS, S. (2006) – Faunal remains from Alcáçova de Santarém (Portugal). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 43).
- DAVIS, S. & DETRY, C. (2013) – Crise no Mesolítico: evidências zooarqueológicas. *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 297-309.
- DETRY, C. (2007) – *Paleoecologia e Paleoeconomia do Baixo Tejo no Mesolítico Final: O contributo do estudo dos mamíferos dos concheiros de Muge*. Tese de doutoramento, Universidade Autónoma de Lisboa e Universidade de Salamanca.
- DENIZ, E. & PAYNE, S. (1982) – Eruption and wear in the mandibular dentition as a guide to ageing Turkish angora goats. In WILSON, B., GRIGSON, C. & PAYNE, S. (eds.), *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites (BAR British Series 189)*. Oxford, p. 155-205.
- DETRY, C. & ARRUDA, A. M. (2013) – A fauna da Idade do Ferro e Época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15, p. 213-226.

- DETRY, C.; CARDOSO, J. L. & BUGALHÃO, J. (2016) – A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: Resultados das escavações realizadas no núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa, Portugal), *Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla* 25, Sevilla, p. 67-82.
- DORADO, A.; MOLINA, F.; CONTRERAS, F.; NÁJERA, T.; CARRIÓN, F.; SÁEZ, L.; DE LA TORRE, F. & GÁMIZ, J. (2015) – El Cerro de Cabezueros (Jódar, Jaén): Un asentamiento del Bronce Final en el Alto Guadalquivir. *CPAG* 25, p. 257-347.
- DRIESCH, A. von den (1976) – *A Guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Harvard. Harvard University, Peabody Museum Bulletin 1.
- DRIESCH, A. von den & BOESSNECK, J. (1976) – *Die Fauna vom Castro do Zambujal. In Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 5. Munique, p. 4-129.
- GOLDFINGER, E. (2004) – *Animal Anatomy for Artists: The Elements of Form*. Oxford University Press.
- GRANT, A. (1982) – The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In WILSON, B., GRIGSON, C. & PAYNE, S. (eds.) – *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford, p. 91–108.
- HILLSON, S. (1999) – *Mammal bones and teeth. An introductory guide to methods of identification*. Institute of Archaeology. London, University College of London.
- HILLSON, S. (2005) – *Teeth. Cambridge manuals in archaeology*. Cambridge University Press.
- MARTINS, F. (2020) – *Restos faunísticos de Santa Olaia (Figueira da Foz): contribuição do património arqueofaunístico para o conhecimento da alimentação na 1ª e 2ª Idade do Ferro*. Tese de Mestrado, Universidade Aberta. Acessível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9994?mode=full>
- MARTINS, F. & CARDOSO, J. L. (2023) – *Restos faunísticos de Santa Olaia (Figueira da Foz)*. Em curso de publicação.
- MARZOLI, D.; BANERJEE, A.; SÁNCHEZ, V. M. & GALINDO, L. (2016) – “Elfenbeinwerkstätten in Huelva und La Rebanadilla (Málaga), den ältesten phönizischen niederlassungen auf der Iberischen Halbinsel”, in *Madridrer Mitteilungen*, nº 57, p. 88-138.
- MORALES, A.; CEREIJO, M. A.; BRANNSTROM, P. & LIESAU, C. (1994) – *The Mammals. In RESELLÓ, E. & MORALES, A. (eds.), Castillo de Doña Blanca, Archaeo-environmental investigations in the Bay of Cádiz, Spain (750-500 B.C.). BAR International Series 593*, p. 37-71.
- PADILLA, J. S.; TORRES, J. R.; SERRANO, B. M.; SOTO, L. S. & MOHEDANO, C. C. (2020) – La cronología fundacional de la Malaka fenicia: investigaciones en el solar del Rectorado de la Universidad de Málaga, *Spal* 29.1, p. 41-77.
- PAYNE, S. (1987) – Reference codes for wear states in the mandibular teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*, 14, p. 609-614.
- PALÈS, L. & GARCIA, M. A. (1981) – *Atlas Ostéologique des Mammifères*. Paris.
- POPESKO, P. & GETTY, R. (1971) – *Atlas of topographical anatomy of the domestic animals*. Volumes I-III.
- PRUMMEL, W. & FRISCH, H. J. (1986) – A guide for the distinction of species, sex and body side in bones of sheep and goat. *Journal of Archaeological Science*, 13 (6), p. 567-577.
- SÁNCHEZ, V. M.; GALINDO, L.; JUZGADO, M. & DUMAS, M. (2020) – El santuario fenicio de La Rebanadilla, en J. L. López Castro (ed.), *Entre Utica y Gadir. Navegación y colonización fenicia en el Mediterráneo Occidental a comienzos del I Milenio AC.*, Granada, p. 189-200.
- SÁNCHEZ, V. M.; GALINDO, L.; JUZGADO, M. & BELMONTE, J. A. (2018) – La Rebanadilla, santuario litoral fenicio en el Sur de la Península Ibérica, en M. Botto (ed.) *De Huelva a Malaka. Los fenicios en Andalucía a la luz de los descubrimientos más recientes. Collezione di Studi Fenici* 48, Roma, p. 305-323.

- SÁNCHEZ, V. M.; GALINDO, L.; JUZGADO, M. & DUMAS, M. (2012) – El asentamiento fenicio de “La Rebanadilla” a finales del siglo IX a.C.”, en E. García Alfonso (ed.), Diez años de arqueología fenicia en la provincia de Málaga, Sevilla. Edición en CD, p. 67-86
- SÁNCHEZ, V. M.; GALINDO, L.; JUZGADO, M. & DUMAS, M. (2011) – La desembocadura del Guadalhorce en los siglos IX y VIII a.C. y su relación con el Mediterráneo”, en J. C. Domínguez Pérez (ed.) *Gadir y el Círculo del Estrecho revisados. Propuestas de la arqueología desde un enfoque social*, Cádiz, p. 185-200.
- SCHMID, E. (1972) – *Atlas of animal bones for prehistorians, archaeologists, and Quaternary geologists*. Amsterdam. Elsevier Science Publishers.
- SOLDADO, J. L. R. (2021) – *Culto, Sacrificio y Simbolismo animal en Tartessos, análisis arqueológico y paleobiológico de los registros de santuarios y necrópolis*. Tese de doutoramento. Universidad de Sevilla, Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Prehistoria y Arqueología.
- VALENTE, M. J. (1997) – A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas. *Estudos do Quaternário*. Lisboa, 1, p. 83-96.
- ZEDER, M. A. & LAPHAM, H. A. (2010) – Assessing the reliability of criteria used to identify postcranial bones in sheep, *Ovis*, and goats, *Capra*. *Journal of Archaeological Science*. 37 (11), p. 2887-2905.
- ZEDER, M. A. & PILAAR, S. E. (2010) – Assessing the reliability of criteria used to identify mandibles and mandibular teeth in sheep, *Ovis*, and goats, *Capra*. *Journal of Archaeological Science*. 37 (2), p. 225-242.

ANEXO 1

Inventário geral dos restos faunísticos identificados, organizado pelas diferentes estruturas reconhecidas

ESTRUTURA 1 – “Cabana” 2100

UE 2102

Ovis aries / *Capra hircus*

- Hemimandíbula direita com P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste forte;
- M 3 direito com desgaste fraco (DMD = 19,0; DVL = 12,2);
- Esquírola de extremidade distal de diáfise de humero direito;

UE 2103

Bos taurus

- 2.^a Falange (H = 43,8; DT prox. = 31,2; DT dist. = 28,0);

Ovis aries / *Capra hircus*

- D 2 esquerdo com desgaste médio;
- M 1 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 9,3; DVL = 11,2);
- M 2 esquerdo com desgaste nulo, partido na raiz;
- Metade distal de tibia esquerda partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,0; DAP dia. = 10,0; DT dist. = 23,7; DAP dist. = 18,3);

ESTRUTURA 2 - “Cabana” 2110

UE 2111

Bos taurus

- Hemimandíbula direita com P/3 (DMD = 15,0; DVL = 10,5) e P/4 (DMD = 17,2; DVL = 12,0) com desgaste médio;
- Frag. de osso mandibular fracturado intencionalmente;
- P 4 esquerdo com desgaste médio (DMD = 14,1; DVL = 20,3);
- M/1 ou M/2 direito com desgaste médio (DMD = 20,0; DVL = 14,9);
- M/1 ou M/2 direito com desgaste médio (DMD = 24,2; DVL = 16,1);
- Frag. de omoplata;
- Porção de sup. articular distal de humero com corte de cutelo em toda a espessura do osso;
- Dois fragmentos de pélvis de dois indivíduos;
- Esquirola longitudinal moderna com parte de sup. articular proximal de metatársico direito;
- 1.^a Falange (H = 58,2; DT prox. = 27,6);

Ovis aries / Capra hircus

- Corno partido nas duas extremidades;
- Porção de crânio com arranque de ossicone;
- Porção de hemimandíbula esquerda com M/1 com desgaste fraco;
- Hemimandíbula esquerda com P/2 a M/3 (comprimento da série molar = 47,3; comprimento da série pré-molar = 22,6) (Fig. 19, n.º 8);
- Porção de hemimandíbula lacteal esquerda com D/2, D/3 e D/4 (Fig. 19, n.º 3);
- Porção ascendente de hemimandíbula esquerda;
- Porção de hemimandíbula direita com P/4, M/1, M/2 com desgaste fraco;
- Porção ant. de hemimandíbula direita com P/3, P/4, M/1 com desgaste fraco, partido no lado inferior;
- Porção de hemimandíbula direita juvenil com D/4 com desgaste fraco;
- Porção de hemimandíbula direita com P/2 – M/3 com desgaste fraco a médio (DMD P/2 – M/3 = 70,7);
- Porção ant. de hemimandíbula direita;
- Porção de hemimandíbula direita com M/1 e M/2 direita com desgaste fraco;
- Ramo ascendente de hemimandíbula direita;
- Porção de hemimandíbula direita de individuo lacteal com D/3, D/4 e germe de M/1 sem desgaste;
- Porção de hemimandíbula direita com P/3 a M/1 com marcas de fogo de individuo com desgaste forte;
- M 1 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 9,4; DVL = 10,2);
- M 1 ou M 2 direito no alvéolo com desgaste fraco;
- M 2 direito com desgaste médio (DMD = 13,5; DVL = 14,9);
- M/1 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 9,5; DVL = 8,2);
- M/1 direito com desgaste fraco (DMD = 10,7; DVL = 7,3);
- M/1 ou M/2 com desgaste fraco (DMD = 11,4; DVL = 7,4);
- M/2 direito com desgaste fraco (DMD = 12,7; DVL = 8,2);
- M/2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 11,6; DVL = 9,1);
- M/3 esquerdo com falta de último lobo e desgaste fraco; (DVL = 9,4);
- M/3 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 21,2; DVL = 7,5);

- Omoplata de juvenil;
- Omoplata de cabra montês (?) (DT art. = 26,0; DT min. post. = 14,1; DAP min. post. = 20,9; DAP total, com processo coronóide = 34,6);
- Porção proximal de humero direito juvenil e partido recentemente na diáfise;
- Extremidade distal de humero direito (DT dia. = 15,4; DAP dia. = 15,4; DT art. dist. = 28,0; DAP art. dist. = 24,5) (Fig. 20, n.º 3);
- Metade distal de humero esquerdo partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,3; DAP dia. = 15,3; DT art. dist. = 28,1; DAP art. dist. = 23,7) (Fig. 20, n.º 4);
- Metade distal de humero esquerdo partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,4; DAP dia. = 14,0; DT art. dist. = 26,4; DAP art. dist. = 22,5) (obs: o exemplar evidencia diferenças morfológicas na superfície articular e na diáfise face ao exemplar anterior) (Fig. 20, n.º 1);
- Diáfise de humero partido intencionalmente nas duas extremidades roída por cães (DT dia. = 16,2; DAP dia. = 14,4);
- Diáfise de humero partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de humero com marcas de corte vertical por cutelo que provocou a oblação de parte do osso e a exposição de medula;
- Porções mesial de humero com fractura intencional nas duas extremidades, com marca de faca.
- Porções mesial de humero com fractura intencional nas duas extremidades;
- Esquirola longitudinal de rádio, com parte de superfície articular proximal;
- Porção distal de diáfise de rádio (DT dia. = 13,4; DAP dia. = 8,1);
- Porção distal de rádio de individuo juvenil com falta de epífise;
- Diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 15,6; DAP dia. = 7,3);
- Diáfise de rádio (DMD = 15,9; DVL = 10,9);
- Porção de pélvis;
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 12,5; DAP dia. = 10,9);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 13,7; DAP dia. = 12,7);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de tibia com uma extremidade partida intencionalmente por corte obliquo e a outra partida modernamente (DT dia. = 14,6; DAP dia. = 12,6);
- Porção mesial de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 16,7; DAP dia. = 16,7);
- Calcâneo esquerdo (L = 53,7; H = 21,6; DT art. = 19,0; DT min. = 7,1) (Fig. 21, n.º 9);
- Porção proximal de metacárpico direito partido recentemente (DAP max. = 17,5) capra pyrenaica ?
- Porção distal de metacárpico de juvenil, com falta de epífise partido intencionalmente e com marcas de corte na epífise. Diáfise também partida intencionalmente;
- Metade distal de metacárpico, partido nas duas extremidades intencionalmente;
- Metade distal de metacárpico, partido nas duas extremidades intencionalmente;
- Diáfise de metacárpico partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de metacárpico com as duas extremidades partidas intencionalmente;
- Esquirola de porção proximal de metatársico;
- Metatársico esquerdo com falta de extremidade distal (DT art. prox. = 18,8; DAP art. prox. = 18,0; DT dia. = 11,0; DAP dia. = 11,1);
- Metade proximal de metatársico esquerdo com fractura intencional na diáfise (DT art. prox. = 17,4; DAP art. prox. = 18,3; DT dia. = 9,1; DAP dia. = 9,9);

- Metatársico esquerdo de juvenil com falta de sup. articular distal (Fig. 21, n.º 12);
- Metatársico esquerdo de juvenil com falta de sup. articular distal, de menores dimensões que o anterior;
- Metatársico direito, partido intencionalmente na diáfise (DT prox. = 16,8; DAP prox. = 16,0; DT dia. = 9,8; DAP dia. = 9,1);
- Diáfise de metatársico de juvenil serrado numa extremidade e partido intencionalmente na outra, escurecido pelo calor;
- Diáfise de metatársico com as duas extremidades partidas intencionalmente (DT dia. = 9,8; DAP dia. = 9,7);
- 1.ª Falange de individuo juvenil, com falta da epífise;
- 1.ª Falange (Fig. 21, n.º 15);
- 1.ª Falange (H = 40,2; DT max. = 14,9; DT dia. = 13,4; DT dist. = 14,6);

Sus cf. scrofa

- Dente canino inferior direito (Fig. 18, n.º 3);

UE 2112

Bos taurus

- Porção de hemimandíbula esquerda com P/3, P/4 e M/1 muito desgastado (individuo senil), partido obliquamente no perfil inferior para extracção do tutano;
- Fragmento de osso mandibular, com os dentes partidos ao nível dos alvéolos e fracturado intencionalmente no bordo inferior para extracção do tutano;
- Porção de osso mandibular, partido intencionalmente no bordo inferior para extracção da medula.
- Omoplata de individuo adulto, muito fragmentada;
- Omoplata de individuo juvenil, incompleta na superfície articular com o húmero;
- Fragmento (esquírola) de rádio com parte de sup. articular proximal conservada com marcas de corte;
- Cabeça de fémur fracturada intencionalmente obliquamente (DT = 45,6; DAP = 45,7);
- Porção de diáfise de tíbia com ambas as extremidades fracturadas intencionalmente tendo a proximal marcas de rodelas (de cães);
- Porção proximal de metatársico direito partido intencionalmente na diáfise com falta da parte de superfície articular proximal (DT prox. = 45,4; DT dia. = 26,3; DAP dia. = 31,2);
- Porção proximal de metatársico esquerdo (DT art. prox. = 51,7; DAP art. prox. = 49,7; DT dia. = 28,0; DAP dia. = 33,0);
- Metade distal de metatársico esquerdo com marca de corte na face anterior de diáfise (DT dia. = 23,5; DAP dia. = 26,7; DT art. dist. = 51,9; DAP art. dist. = 28,8); (Fig. 17, n.º 2);
- Extremidade distal de metatársico com falta de uma das trócleas (DT dia. = 26,0; DAP dia. = 22,3);
- Metade distal de metatársico de juvenil com falta de extremidade articular distal e partido intencionalmente na diáfise;
- 1.ª Falange (H = 61,2; DT prox. = 30,9; DT dia. = 26,8; DT dist. = 28,8);
- 1.ª Falange (H = 62,9; DT prox. = 34,3; DT dia. = 29,7; DT dist. = 33,2);
- 1.ª Falange (H = 53,6; DT prox. = 30,2; DT dia. = 24,1; DT dist. = 26,3);
- 1.ª Falange com corte total em parte da articulação proximal (H = 59,3; DT dia. = 27,5; DT dist. = 29,5);
- 3.ª Falange (L = 68,1; H = 39,3; DT art. = 24,5);

Ovis aries / Capra hircus

- Ossicone cortado intencionalmente na base;
- Fragmento de ossicone, de pequenas dimensões;
- Hemimandíbula esquerda com P/3, P/4, M/1, M/2 e parte de M/3 incluso na mandíbula. P/3 partido recentemente;
- Porção de hemimandíbula esquerda com M/3 ainda em parte inclusa no osso mandibular;
- Hemimandíbula esquerda com P/3 – M/1 com desgaste médio;
- Hemimandíbula direita com alguns dentes partidos ao nível dos alvéolos; M/2 não funcional; Indivíduo juvenil;
- M/3 direito partido no lobo distal;
- Húmero esquerdo de indivíduo juvenil, com falta da extremidade articular distal e partida obliquamente na diáfise;
- Porção proximal de diáfise de húmero de juvenil com falta sup. articular proximal partida intencionalmente na diáfise;
- Metade distal de húmero esquerdo partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,5; DAP dia. = 14,8; DT dist. = 25,9; DAP dist. = 21,3);
- Metade distal de húmero esquerdo partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,4; DAP dia. = 16,6; DT dist. = 29,9; DAP dist. = 25,9);
- Metade distal de húmero esquerdo fracturado intencionalmente na diáfise (DT dist. = 26,8; DAP dist. = 23,5);
- Esquirola distal de húmero direito, com fractura intencional longitudinal na diáfise (DT art. dist. = 26,9);
- Diáfise de húmero com marcas de corte por cutelo, correspondendo ao abatimento da superfície óssea (DT dia. = 15,4; DAP dia. = 14,2);
- Metade proximal de rádio esquerdo com fractura intencional na diáfise (DT prox. = 24,4; DAP prox. = 12,6; DT dia. = 13,6; DAP dia. = 7,6);
- Metade distal de rádio esquerdo (DT dia. = 14,2; DAP dia. = 8,7; DT dist. = 27,0; DAP dist. = 18,5);
- Metade distal de diáfise de rádio (DT dia. = 13,1; DAP dia. = 10,3);
- Diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 15,2; DAP dia. = 8,5);
- Diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 14,6; DAP dia. = 8,1);
- Diáfise de rádio partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 13,4; DAP dia. = 8,1);
- Porção de diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 14,8; DAP dia. = 10,7);
- Porção de diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 14,7; DAP dia. = 8,9);
- 1.^a vertebra cervical (atlas);
- Pélvis partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Púbis incompleto;
- Púbis incompleto;
- Extremidade distal de fémur (DT dia. = 18,0; DT dist. = 34,8);
- Tibia de indivíduo juvenil com falta de extremidade articular proximal e partida intencionalmente na diáfise;
- Metade proximal de diáfise de tibia com fractura intencional nas duas extremidade (DT dia. = 13,1; DAP dia. = 13,7);

- Esquírola de parte proximal de diáfise de tibia fracturada intencionalmente;
- Metade distal de tibia com fractura intencional na diáfise de individuo juvenil com falta de sup. articular distal (DT dia. = 12,6; DAP dia. = 10,5);
- Metade distal de tibia esquerda com fractura intencional na diáfise (DT dia. = 14,4; DAP dia. = 11,7; DT art. dist. = 25,6; DAP art. dist. = 19,2);
- Diáfise de tibia com falta das duas extremidades por fractura intencional (DT dia. = 13,0; DAP dia. = 10,9);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente numa extremidade e modernamente na outra, com marcas de fogo generalizado (DT dia. = 12,3; DAP dia. = 11,7);
- Diáfise de tibia direita, individuo juvenil com falta das duas extremidades, partidas intencionalmente;
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 13,5; DAP dia. = 10,4);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 13,5; DAP dia. = 11,4);
- Porção de diáfise de tibia partida intencionalmente nas extremidades (DT dia. = 14,5; DAP dia. = 14,4);
- Metacárpico esquerdo (H = 114,4; DT prox. = 24,1; DAP prox. = 16,9; DT dia. = 17,1; DAP dia. = 11,0; DT dia. dist. = 28,3; DT art. dist. = 28,1; DAP art. dist. = 16,9);
- Metacárpico direito (H = 124,6; DAP art. prox. = 15,3; DT dia. = 17,6; DAP dia. = 11,2; DT art. dist. = 28,4; DAP art. dist. = 17,1);
- Diáfise de metacárpico com falta das duas extremidades por fractura intencional (DT dia. = 12,8; DAP dia. = 10,6);
- Diáfise de metatársico partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 11,4; DAP dia. = 9,0);
- Diáfise de metatársico partido intencionalmente na diáfise e na extremidade articular distal (DT dia. = 9,6; DAP dia. = 10,7);
- 1.^a Falange (DT prox. = 11,4; DT dia. = 8,7; DT dist. = 10,8);
- 1.^a Falange (H = 42,4; DT prox. = 13,8; DT dia. = 12,6; DT dist. = 14,2);
- 1.^a Falange (H = 42,0; DT prox. = 13,6; DT dia. = 12,7; DT dist. = 14,0);
- 1.^a Falange (H = 32,6; DT prox. = 13,0; DT dia. = 9,9; DT dist. = 11,6);

ESTRUTURA 3 - “Cabana” 2165

UE 2162

Bos taurus

- M 2 direito com desgaste médio (DMD = 31,6; DVL = 26,5);

Ovis aries / Capra hircus

- M 1 ou M 2 direito (DMD = 10,0; DVL = 11,1);
- Omoplata incompleta;

EU 2167

Bos taurus

- Processo condilóide de uma dos ramos ascendentes mandibulares;
- Porção de hemimandíbula esquerda com P/2 e P/3 com desgaste fraco e fractura longitudinal do bordo inferior mandibular;
- P/4 direito com desgaste médio (DMD = 20,3; DVL = 13,5);
- Porção distal de tibia direita com marcas de cutelo associadas ao corte na diáfise (DT dia. = 35,9; DAP dia. = 23,4; DT art. dist. = 57,7; DAP art. dist. = 43,6); (Fig. 16, n.º 4);

- Metade distal de tíbia direita partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 35,5; DAP dia. = 24,5; DT dist. = 59,5; DAP dist. = 47,5); (Fig. 16, n.º 5);
- 1.ª Falange (H = 56,7; DT prox. = 29,3; DT dia. = 24,4; DT dist. = 26,7);

Ovis aries / Capra hircus

- Fragmento de ossicone;
- Ramo ascendente de hemimandíbula;
- Porção de ramo ascendente mandibular;
- Ramo ascendente de mandíbula;
- Hemimandíbula esquerda, juvenil, com D/3, D/4 e M/1 com desgaste fraco (Fig. 19, n.º 5);
- Hemimandíbula esquerda com M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco;
- Hemimandíbula esquerda com M/1 e M/2 partidos intencionalmente;
- Hemimandíbula esquerda com P/3, P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste médio (Fig. 19, n.º 4);
- Hemimandíbula esquerda com M/2 e M/3 com desgaste médio (Fig. 19, n.º 1);
- Hemimandíbula esquerda com P/2 com desgaste fraco;
- Hemimandíbula esquerda com M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco (Fig. 19, n.º 7);
- Hemimandíbula direita com P/3, P/4 e M/1 com desgaste médio a fraco (dentes partidos);
- Hemimandíbula direita com P/2 (partido), P/3, P/4 e M/1 (partido) com desgaste médio;
- Hemimandíbula direita com P/3, P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco (Fig. 19, n.º 9);
- Incisivo lateral com desgaste fraco;
- Incisivo central com desgaste fraco;
- P 3 e P 4 direito sem desgaste (mesmo indivíduo);
- M 1 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 10,6; DVL = 9,9);
- M 1 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 11,9; DVL = 12,9);
- M 1 direito com desgaste fraco (DMD = 9,5; DVL = 9,6);
- M 1 direito com desgaste fraco (DMD = 11,9; DVL = 13,0);
- M 1 direito com desgaste médio (DMD = 9,0; DVL = 12,0);
- M 1 direito com desgaste médio (DMD = 9,0; DVL = 10,0);
- M 2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 11,1; DVL = 12,8);
- M 2 direito com desgaste fraco (do mesmo indivíduo) (DMD = 12,8; DVL = 11,3);
- M 2 direito com desgaste fraco (DMD = 12,5; DVL = 12,7);
- M/2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 11,2; DVL = 7,2);
- M/2 esquerdo incluso em porção do osso mandibular;
- M/2 esquerdo com desgaste médio (DMD = 10,1; DVL = 8,0);
- M/2 direito com desgaste fraco (DMD = 11,2; DVL = 8,0);
- Fragmento de omoplata;
- Omoplata incompleta;
- Metade proximal de humero de juvenil com falta de sup. articular proximal;
- Extremidade distal de humero esquerdo partida na sup. articular (Fig. 20, n.º 7);
- Diáfise de humero esquerdo partida intencionalmente nas duas extremidades (Fig. 20, n.º 6);
- Diáfise de rádio com muitas marcas de roidela na face anterior (Fig. 20, n.º 9);
- Diáfise de rádio (DT dia. = 16,6; DAP dia. = 8,7);

- Diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (Fig. 20, n.º 13);
- Diáfise de rádio partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 14,7; DAP dia. = 9,4) (Fig. 20, n.º 14);
- Diáfise de rádio de indivíduo juvenil partida nas duas extremidades;
- Diáfise de rádio partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 13,2; DAP dia. = 10,6);
- Fragmento de pélvis;
- Fragmento de pélvis;
- Diáfise de fêmur partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Esquírola distal de tíbia esquerda com extremidade articular distal conservada (DT dist. = 25,4; DAP dist. = 18,6);
- Metade distal de tíbia direita com fratura intencional na diáfise (DT dia. = 11,8; DAP dia. = 9,8; DT dist. = 23,2) (Fig. 21, n.º 6);
- Metade distal de diáfise de tíbia, partida intencionalmente na diáfise de juvenil, com falta de sup. articular distal (Fig. 21, n.º 8);
- Diáfise de tíbia partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de tíbia partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de tíbia partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de tíbia partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Calcâneo esquerdo (Fig. 21, n.º 10);
- Metacárpico esquerdo partido longitudinalmente na diáfise (DT prox. = 23,7; DAP prox. = 16,9) (Fig. 21, n.º 13);
- Diáfise de metacárpico partido na diáfise e com extremidade partida e roída (juvenil?);
- 1.^a Falange (H = 59,9; DT prox. = 27,2; DT dia. = 24,0; DT dist. = 26,4);
- 1.^a Falange (H = 58,4; DT prox. = 27,5; DT dia. = 21,2; DT dist. = 22,6);
- 1.^a Falange (H = 55,8; DT prox. = 30,7; DT dia. = 25,3; DT dist. = 27,7);
- 1.^a Falange (H = 36,2; DT prox. = 12,2; DT dia. = 9,5; DT dist. = 12,4);
- 1.^a Falange de juvenil com falta de superfície articular proximal;
- 1.^a Falange de juvenil
- 3.^a Falange (L = 66,5; DT art. = 21,9; H = 39,4);

Sus sp. (compatível, pelo tamanho, com porco doméstico)

- Maxilar com P 3 (DMD = 11,6; DVL = 10,6), P 4 (DMD = 11,4; DVL = 13,8), e M 1 (DVL = 13,4) partido. Desgaste fraco, com marcas de fogo (Fig. 18, n.º 1);
- Hemimandíbula direita com ramo ascendente conservado, com M/3 com desgaste fraco e partido obliquamente no ramo horizontal;
- M 2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 10,2; DVL = 11,5);
- Canino inferior direito (também de porco doméstico, ou de fêmea) (Fig. 18, n.º 2);
- Porção distal de humero esquerdo (DT art. dist. = 27,6; DAP art. dist. = 25,0);
- Porção distal de humero direito de indivíduo juvenil;
- Cabeça de fêmur de indivíduo juvenil;
- Metacárpico II esquerdo (H = 50,2; DT prox. = 4,6; DT dia. = 4,4; DT dist. = 8,3);
- Metatársico partido na diáfise e na extremidade distal;
- 1.^a Falange de indivíduo juvenil;

Sus sp. (cf. scrofa)

- Colmillo superior direito (germe) (Fig. 18, n.º 6);
- Calcâneo direito (L = 50,0; H = 20,2; DT art. = 20,5; DT min post. = 8,0);

ESTRUTURA 4 - “Cabana” 2170

UE 2170

Bos taurus

- Molar superior partido incluso;
- M 1 ou M 2 direito com desgaste fraco (DMD = 20,9; DVL = 24,2);
- Pélvis com marcas de corte por cutelo;
- Esquirola longitudinal de extremidade distal de tibia obtida intencionalmente para extrair a medula;
- Diáfise de tibia partida por compressão mandibular na tábua óssea;
- Metacárpico esquerdo de juvenil com falta sup. articular distal com marcas de corte na face posterior para descarnamento (DT dia = 24,0; DAP dia. = 27,6);
- Diáfise de metacárpico, todo roído de um dos lados;
- Extremidade proximal de metatársico de lado indeterminado com fractura intencional na diáfise (DT dia = 11,3; DAP dia. = 11,0);
- 1.^a Falange (H = 55,4; DT prox.. = 28,8; DT dia. = 25,2; DT dist.. = 26,0);
- 1.^a Falange (H = 57,4; DT prox.. = 30,4; DT dia. = 25,7; DT dist.. = 28,4);
- 1.^a Falange (H = 60,6; DT dia. = 26,9);
- 2.^a Falange (H = 41,9; DT prox. = 28,9; DT dia. = 25,2; DT dist. = 26,1);
- 3.^a Falange (L = 69,0; DT max. = 28,7; DAP max. = 38,0);
- 3.^a Falange (L = 80,5; DT max. = 28,4; DAP max. = 41,2);
- 3.^a Falange (L = 71,3; DT max. = 27,4; DAP max. = 44,8);

Ovis aries / Capra hircus

- Ossicone seccionado longitudinalmente na extremidade proximal por cutelo;
- Porção de diáfise de rádio partido intencionalmente numa extremidade (DT dia. = 15,5; DAP dia. = 8,5);
- Porção proximal de fémur esquerdo com falta extremidade proximal e abatimento da diáfise por percussão (DT dia. = 13,3; DAP dia. = 12,5);
- Porção proximal de diáfise de fémur esquerdo com falta de extremidade proximal e partido intencionalmente na diáfise (DT dia = 12,8; DAP dia. = 13,2);
- Porção proximal de metacárpico direito (DT prox. = 20,0; DAP prox. = 14,1);
- Porção proximal de metatársico direito partido intencionalmente na diáfise (DT prox. = 22,3; DAP prox. = 20,0; DT dia. = 15,6; DAP dia. = 13,9);

EU 2171

Bos taurus

- Porção anterior de hemimandíbula e partida intencionalmente nas duas extremidades, com P/3 (DMD = 13,5; DVL = 9,4) e P/4 (DMD = 16,7; DVL = 10,6) com desgaste médio;

- 2.^a molar superior esquerdo com desgaste médio (DMD = 25,9; DVL = 23,9);
- Astrágalo esquerdo de muito pequenas dimensões com marcas de roidela (H = 55,8; DT max. = 39,1; DAP max. = 31,8)
- Diáfise de metatársico com as duas extremidades partidas intencionalmente (DT dia. = 26,1; DAP dia. = 27,7);
- 1.^a Falange (H = 53,0; DT prox. = 25,1; DT dia. = 20,8; DT dist. = 24,5);
- 2.^a Falange (H = 43,1; DT prox. = 29,6; DT dist. = 26,3);

Ovis aries / Capra hircus

- Corno seccionado por serragem;
- Porção de hemimandíbula esquerda com M/1, M/2 e parte de M/3 incluso na mandíbula, com desgaste fraco;
- Porção anterior de hemimandíbula direita com P/3 e P/4 com desgaste fraco;
- Porção mesial de hemimandíbula direita com P/4, M/1, M/2 e M/3 partido intencionalmente nas duas extremidades;
- M 1 direito com desgaste fraco (DMD = 11,4; DVL = 11,9);
- Omoplata incompleta;
- Porção anterior de omoplata (DT art. = 22,6; DAP art. proc. coronoide = 30,8; DT min. post. = 10,0; DAP min. post. = 17,1);
- Porção proximal de omoplata (DT art. = 22,2; DAP art.com processo coronoide = 30,8);
- Porção distal de diáfise de humero direito partido intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 15,5; DAP dia. = 17,5);
- Diáfise de rádio com as duas extremidades partidas intencionalmente (DT dia. = 16,3; DAP dia. = 9,8);
- Porção proximal de diáfise de fémur partido nas duas extremidades intencionalmente;
- Extremidade distal de diáfise de tibia direita indeterminada, juvenil;
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 13,7; DAP dia. = 11,0);
- Metacárpico esquerdo com falta de extremidade articular distal por ter sido roída (DT prox. = 19,5; DAP prox. = 14,4; DT dia. = 12,2; DAP dia. = 9,8);
- Metatársico esquerdo com falta de extremidade distal partida por fractura (DT prox. = 17,2; DAP prox. = 17,3; DT dia. = 9,5; DAP dia. = 9,8);
- Metade proximal de metatársico de lado indeterminado roído na extremidade proximal e partido na diáfise (DT dia. = 10,6; DAP dia. = 11,9);
- Metatársico direito juvenil (metade proximal diáfise);

EU 2172

Bos taurus

- Frag. de sup. articular de cúbito (esquírola);
- Porção proximal de metacárpico partido intencionalmente na diáfise (DT prox. = 58,5; DAP prox. = 38,4; DT dia. = 31,0; DAP dia. = 24,1);
- Extremidade articular distal de metacárpico partido intencionalmente (DAP dist. = 29,5);
- Esquírola de diáfise distal de metatársico partido intencionalmente com uma tróclea conservada;

- Porção proximal de 1.^a falange partida na diáfise intencionalmente (DT prox. = 29,8); ;
- 1.^a Falange, com marcas de desgaste na face posterior (H = 61,1; DT prox. = 29,6; DT dia. = 22,8; DT dist. = 26,8);
- 2.^a Falange (H = 41,4; DT prox. = 28,0; DT dist. = 23,3);

Ovis aries / Capra hircus

- Corno partido no colo recentemente;
- Porção de maxilar direito com M 2 e M 3 com desgaste médio e sem desgaste, respectivamente.
- Porção de hemimandíbula esquerda com M/1, M/2 e M/3 incluso no osso mandibular, com desgaste fraco. Partido intencionalmente na parte média do ramo horizontal da mandíbula;
- Porção anterior de hemimandíbula direita partida intencionalmente;
- M/1 ou M/2 direito com desgaste médio (DMD = 12,4; DVL = 8,7);
- Omoplata muito incompleta;
- Porção distal de humero direito partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,4; DAP dia. = 15,2; DT dist. = 26,9; DAP dist. = 22,0);
- Pélvis;
- Porção proximal de diáfise de tibia muito erodida;
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 12,1; DAP dia. = 11,1);
- Porção proximal de metatársico partido intencionalmente na diáfise e na extremidade proximal (DT dia. = 10,9; DAP dia. = 11,1);

ESTRUTURA 5 - “Cabana” 2260

UE 2113

Bos taurus

- Porção de maxilar esquerda com M 2 e M 3 inclusos no osso, sem uso o M 3 e quase sem uso o M 2;
- Fragmento de hemimandíbula direita partida intencionalmente;
- Porção de hemimandíbula direita com P/2, P/3 e P/4 com desgaste forte e fractura intencional longitudinal do bordo inferior da peça (Fig. 16, n.º 1);
- M 2 direito com desgaste médio (DMD = 18,9);
- Fragmento de omoplata
- Porção de extremidade distal de articulação de humero partido intencionalmente;
- Metade inferior de astrágalo cortado com machado obliquamente (Fig. 16, n.º 3);
- Calcâneo partido na parte anterior (DT min. post. = 17,5);
- Metade proximal de metacárpico, com fractura intencional na diáfise e extremidade proximal roída (DT dia. = 23,9; DAP dia. = 18,0);
- Extremidade articular distal de metacárpico esquerdo (DT dia dist. = 46,8; DT art. dist. = 50,9; DAP art. dist. = 25,6);
- Extremidade articular distal de metatársico direito (DT art. dist. = 57,8; DAP art. dist. = 29,5); (Fig. 17, n.º 5);
- 1.^a Falange, partida na sup. articular proximal por golpe de cutelo (DT prox. = 30,7; DT dia. = 24,8; DT dist. = 28,3);

Ovis aries / Capra hircus

- Ossicone muito pequeno;
- Porção do crânio com arranque de um dos cornos;
- Maxilar esquerdo com P 2 a M 2 com desgaste médio;
- Porção de osso maxilar com P 2 a M 2 esquerdo com desgaste fraco;
- Porção de osso maxilar com P 2 a P 4 direito com desgaste fraco;
- Hemimandíbula esquerda com D/3 e D/4 com desgaste médio;
- Hemimandíbula esquerda com P/3 a M/3 com desgaste fraco; M/3 incluso no osso mandibular;
- Hemimandíbula esquerda de juvenil, com apenas M/1 e M/2 funcionais e os restantes destes jugais (P/2, P/3, P/4 e M/3) ainda a emergirem dos alvéolos;
- Hemimandíbula esquerda com P/2 a M/3 com desgaste fraco;
- Porção de hemimandíbula esquerda com fractura recente com P/3 a M/2 com desgaste médio;
- Fragmento de hemimandíbula esquerda, com fractura recente distal;
- Porção de hemimandíbula esquerda com P/4, M/1 e M/2 com desgaste médio;
- Hemimandíbula direita de juvenil com D/3 e D/4 com desgaste forte, M/1 com desgaste fraco e erupção sem desgaste do M/2, ainda totalmente incluso no alvéolo.
- Porção de hemimandíbula direita de juvenil com D/3 e D/4 com desgaste fraco;
- M 1 esquerdo com desgaste médio (DMD = 9,4; DVL = 9,7);
- M 1 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 9,0; DVL = 10,3);
- M 2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 11,3);
- M 2 esquerdo com desgaste médio (DMD = 12,3; DVL = 11,3);
- M 2 (DMD = 8,6; DVL = 10,1); e M 3 (DMD = 13,6; DVL = 10,5); direito do mesmo indivíduo;
- D/4 esquerdo com desgaste médio;
- M/1 direito com desgaste fraco (DMD = 9,9; DVL = 7,5);
- Fragmento de omoplata.
- Metade proximal de diáfise de humero, partido na diáfise intencionalmente e com falta da superfície articular proximal (DT dia. = 17,5; DAP dia. = 19,0);
- Metade distal de humero direito partido intencionalmente na diáfise, com abatimento da parede óssea (DT dia. = 15,5; DAP dia. = 16; DT dist. = 27,5; DAP dist. = 23,3);
- Extremidade distal de humero esquerdo com muitas marcas de faca, partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 15,7; DAP dia. = 14,2; DT dist. = 29,3; DAP dist. = 23,6);
- Húmero direito, juvenil com falta das duas extremidades articulares;
- Extremidade proximal de rádio direito com fractura intencional na diáfise (DT prox. = 22,8; DAP prox. = 12,5);
- Rádio fracturado longitudinalmente na diáfise com parte superficial articular proximal conservada.
- Metade proximal de rádio direito fracturado intencionalmente na diáfise (DT prox. = 26,6; DAP prox. = 13,7; DT dia. = 14,8; DAP dia. = 7,6);
- Rádio de individuo subadulto, com falta de extremidade articular distal, completo;
- Metade proximal de rádio esquerdo com cúbito fundido, partido recentemente na diáfise com marca de corte na superfície articular proximal;

- Metade inferior de diáfise de rádio partido intencionalmente na diáfise e com falta extremidade distal (subadulto?);
- Diáfise de rádio fracturado intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 15,7; DAP dia. = 9,2) (Fig. 20, n.º 12);
- Diáfise de rádio roído numa extremidade e com a outra partida recentemente (DT dia. = 16,8; DAP dia. = 11,7);
- Diáfise de rádio partido recentemente em ambas as extremidades (DT dia. = 14,9; DAP dia. = 8,1);
- Porção de pélvis;
- Porção de pélvis;
- Extremidade proximal de fémur direito com fractura intencional na diáfise e finas marcas de corte na cabeça do fémur.
- Extremidade distal de fémur de subadulto, com a sup. articular distal ainda mal soldada;
- Metade distal de tibia direita com falta de parte de superfície articular distal e partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 12,3; DAP dia. = 9,6);
- Extremidade distal de tibia esquerda fracturada intencionalmente na diáfise (DT dia. = 14,0; DAP dia. = 11,3; DT dist. = 23,8; DAP dist. = 18,0);
- Metade distal de diáfise de tibia com falta extremidade distal, partida e roída e com fractura moderna no meio da diáfise (DT dia. = 15,3; DAP dia. = 13,1);
- Porções distal de tibia direita, partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 14,3; DAP dia. = 11,6; DT dist. = 23,8; DAP dist. = 18,4) (Fig. 21, n.º 7);
- Porções distal de tibia esquerda, partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,0; DAP dia. = 10,2; DT dist. = 24,3; DAP dist. = 18,5);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (Fig. 20, n.º 10);
- Diáfise de tibia com marcas de corte por cutelo;
- Calcâneo esquerdo incompleto de juvenil com falta de epífise distal;
- Metade proximal de metacárpico esquerdo, com falta de superfície articular proximal por roidelas, com fractura recente na diáfise;
- Metacárpico direito com falta de parte de sup. articular proximal e de totalidade de extremidade articular distal (DAP prox. = 13,4; DT dia. = 13,3; DAP dia. = 10,9);
- Metade distal de metacárpico esquerdo partido intencionalmente na diáfise (DT dia. = 12,7; DAP dia. = 9,7; DT dia dist. = 23,1; DT art. dist. = 24,3; DAP art. dist. = 15,0); (Fig. 21, n.º 11);
- Diáfise de metacárpico partido intencionalmente na diáfise e com falta de extremidade articular distal (juvenil?);
- Diáfise de metatársico partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de metatársico com fractura intencional nas duas extremidades (DT dia. = 10,6; DAP dia. = 10,5);
- 3.^a Falange (L max. = 30,1; DT max. = 11,0);
- 3.^a Falange de juvenil (L max. = 27,4; DT max. = 8,5; DAP max. = 13,5);
- Existência de um osso totalmente escurecido e esbranquiçado pelo fogo;
- Diáfise de osso longo incompleto, totalmente queimado;

Sus sp.

- Porção de hemimandíbula direita de juvenil com D/3 e D/4 e germe de M/1, partido no bordo inferior, com marcas anegradas de fogo;

UE 2114

Bos cf primigenius

- Extremidade articular distal de humero esquerdo com marcas de cutelo e fractura intencional na extremidade distal de diáfise, de grande tamanho (*Bos primigenius?*) (DT art. dist. = 83,9) (Fig. 18, n.º 7);
- Sup. articular proximal de tibia fracturada longitudinalmente (DAP prox. = 65,2);

Bos taurus

- Porção de hemimandíbula esquerda com P/3 com desgaste forte e fractura do bordo inferior intencional.
- Diastema de hemimandíbula direita;
- P 3 direito com desgaste médio (DMD = 13,7; DVL = 19,8);
- M/3 direito com desgaste forte e partido no 3.º lobo (DVL = 13,2);
- Omoplata incompleta (DT art. = 42,1; DAP art. = 47,6);
- Omoplata incompleta;
- Extremidade distal de rádio esquerdo (DMD dist. = 46,8; DT dist. = 67,9);
- Porção de pélvis, com articulação com o fémur, partida intencionalmente;
- Astrágalo direito (H max. = 64,7; DT max. = 44,6; DAP max. = 37,8); (Fig. 16, n.º 2);
- Cubescafoide partido de fresco;
- Metacárpico esquerdo completo (H = 180,3; DT prox. = 58,9; DAP prox. = 36,8; DT dia. = 32,0; DAP dia. = 22,1; DT dist dia. = 51,9; DT dist. art. = 60,7; DAP dist. art. = 30,4); (Fig. 17, n.º 1);
- Metacárpico direito com falta extremidade distal por ter sido roída, tal como a proximal (DT dia. = 33,6; DAP dia. = 22,3);
- Extremidade proximal de metatársico esquerdo, partido intencionalmente na diáfise (DT = 47,6; DAP = 44,3); (Fig. 16, n.º 6);
- Extremidade proximal de metatársico direito, com fractura intencional na diáfise, idêntico a outros casos, denotando uma técnica própria de fractura destes ossos (DT prox. = 47,2; DAP prox. = 44,9); (Fig. 16, n.º 7);
- Fragmento de porção proximal de metatársico direito com fractura recente longitudinal;
- Extremidade proximal de metatársico direito com fractura intencional oblíqua na diáfise e marcas de roedura na superfície articular proximal (DAP prox. = 50,0);
- Metade proximal de metatársico direito, com fractura intencional no meio da diáfise (DT dia. = 26,3; DAP dia. = 25,8);
- Esquirola intencional de porção proximal de diáfise de metatársico; (Fig. 17, n.º 3);
- Esquirola correspondente à fractura intencional longitudinal de diáfise de metápode com marcas de mordedura;
- 1.ª Falange (H = 54,8; DT prox. = 28,6; DT dia. = 23,6; DT dist. = 28,1); (Fig. 17, n.º 6);
- 1.ª Falange (H = 61,5; DT prox. = 29,2; DT dia. = 24,8; DT dist. = 27,3);
- 3.ª Falange (H = 39,0; DT art. = 25,3; L max. = 69,3); (Fig. 17, n.º 7);

Ovis aries / Capra hircus

- Porção de maxilar direito com M 1, M 2 e M 3;
- Hemimandíbula esquerda com P/2 a M/3, com desgaste médio (P/2 e P3 partidos recentemente na base da coroa);
- Porção esquerda de hemimandíbula com M/1, M/2, M/3, com desgaste fraco, e o M/3 incluso na mandíbula;

- Porção anterior de hemimandíbula esquerda com P/2, P/3 e P/4 e frag. de M/1, com desgaste fraco. Marcas de corte na face externa do osso mandibular.
- Porção anterior de hemimandíbula esquerda de juvenil com os dentes inclusos (D/2, D/3 e P/4) na mandíbula;
- Porção de hemimandíbula esquerda, com P/4 e M/1;
- Porção de hemimandíbula esquerda com M/3 com desgaste mínimo, quase todo incluso no osso mandibular;
- Porção de hemimandíbula esquerda com D/4, M/1 e M/2 de juvenil;
- Porção de hemimandíbula esquerda com P/3, P/4, M/1 e M/2 com desgaste forte;
- Hemimandíbula esquerda com P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste forte (Fig. 19, n.º 6);
- Hemimandíbula esquerda com P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste fraco (Fig. 19, n.º 10);
- Hemimandíbula esquerda com P/3 (partido), P/4 (partido), M/1 e M/2 com desgaste fraco;
- Fragmento de hemimandíbula esquerda com M/2 com desgaste fraco e M/3 incluso no osso mandibular;
- Hemimandíbula direita com P/4 a M/3, este incluso na mandíbula, os outros com desgaste fraco;
- Hemimandíbula direita de juvenil, com D/2, D/3, D/4 e M/1 já funcional;
- Porção de hemimandíbula direita com P/3 e P/4 com desgaste fraco;
- Porção de hemimandíbula direita com M/2 e M/3, este último incluso totalmente na mandíbula;
- Hemimandíbula direita com M/1, M/2 (com desgaste fraco) e M/3 (incluso) com fracturas antigas nas duas extremidades;
- Hemimandíbula direita com P/2, P/3 e P/4 com desgaste fraco;
- Hemimandíbula direita, juvenil com D/3 e D/4 com desgaste fraco (Fig. 19, n.º 2);
- Extremidade articular direito de ramo ascendente de mandíbula;
- Porção de hemimandíbula com M/3 incluso;
- Fragmento de M 1 ou M 2 com desgaste médio;
- M 2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 11,7; DVL = 13,1);
- M/1 ou M/2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 10,7; DVL = 7,9);
- Fragmento de omoplata;
- Fragmento de omoplata;
- Omoplata incompleta;
- Metade proximal de diáfise de humero direito juvenil;
- Metade distal de humero esquerdo partido intencionalmente na diáfise distal (DT art. dist. = 28,2); (Fig. 20, n.º 2);
- Metade distal de humero esquerdo (DT dia. = 11,7; DAP dia. = 13,8; DT dist. = 25,0; DAP dist. = 21,4); (Fig. 20, n.º 5);
- Metade distal de humero direito com fractura intencional na diáfise (DT dia. = 10,7; DAP dia. = 13,7; DT dist. = 25,9);
- Diáfise de humero, partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de humero;
- Metade anterior de rádio esquerdo, fracturado intencionalmente na diáfise (DT prox. = 29,5; DAP prox. = 15,0; DT dia. = 15,4; DAP dia. = 7,9) (Fig. 20, n.º 8);
- Porção distal de rádio esquerdo partido na diáfise (DT dia. = 14,9; DAP dia. = 8,9; DT dist. = 27,6; DAP dist. = 16,5) (Fig. 21, n.º 1);

- Diáfise de rádio fracturado longitudinalmente em todo o comprimento;
- Diáfise de rádio com ambas as extremidades partidas intencionalmente (DT dia. = 13,3; DAP dia. = 7,5);
- Porção de zona articular de cúbito partido intencionalmente na diáfise
- Porção de pélvis;
- Extremidade articular distal de fémur direito (DT dist. = 33,7; DAP dist. = 41,3);
- Porção distal de fémur direito com fractura intencional na parte inferior da diáfise (DT dist. = 33,8; DAP dist. = 41,6) (Fig. 21, n.º 3);
- Diáfise de fémur, partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Porção proximal de diáfise de tibia esquerda e partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 14,0; DAP dia. = 13,3);
- Metade distal de tibia esquerda partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 13,0; DAP dia. = 10,1; DT dist. = 24,8; DAP dist. = 17,2) (Fig. 21, n.º 5);
- Metade distal de tibia direita fracturada intencionalmente na diáfise (DT dia. = 15,0; DAP dia. = 11,1; DT dist. = 25,0; DAP dist. = 18,0) (Fig. 21, n.º 4);
- Metade distal de tibia direita partida intencionalmente na diáfise (DT dia. = 12,3; DAP dia. = 10,5; DT dist. = 22,7; DAP dist. = 18,4);
- Diáfise de tibia esquerda (DT dia. = 13,8; DAP dia. = 14,2);
- Tibia direita com falta das duas extremidades por fractura antigas (DT dia. = 12,2; DAP dia. = 10,8);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades por percussão;
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades por percussão (Fig. 20, n.º 11);
- Diáfise de tibia (DT dia. = 11,8; DAP dia. = 9,7);
- Diáfise de tibia partida intencionalmente nas duas extremidades (DT dia. = 12,5; DAP dist. = 9,8);
- Tibia (diáfise) de juvenil com falta das duas extremidades;
- Tibia (diáfise) de juvenil com falta das duas extremidades;
- Diáfise de tibia, partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de tibia, partida intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de tibia com fractura intencional nas duas extremidades;
- Diáfise de tibia com fractura intencional nas duas extremidades;
- Diáfise de tibia com fractura intencional nas duas extremidades, encontrando-se uma delas roída (DT dia. = 13,3; DAP dia. = 10,9) (Fig. 21, n.º 2);
- Porção mesial de diáfise de tibia partida nas duas extremidades intencional (DT dia. = 17,2; DAP dia. = 14,4);
- Diáfise de tibia;
- Porção proximal de metacárpico esquerdo com fractura roída na diáfise (DT prox. = 24,4; DAP prox. = 17,3; DT dia. = 16,1; DAP dia. = 10,7);
- Metade proximal de metacárpico direito partido intencionalmente na diáfise (DT prox. = 21,6; DAP prox. = 14,6; DT dia. = 11,5; DAP dia. = 9,6);
- Porção proximal de metacárpico esquerdo com falta extremidade distal (DT prox. = 21,7; DAP prox. = 17,5; DT dia. = 13,3; DAP dia. = 12,0); (Fig. 21, n.º 14);
- Porção distal de metacárpico esquerdo com marcas de roidela na extremidade articular distal (DT dia. = 12,0; DAP dia. = 10,2; DT dist. = 22,5);
- Diáfise de metacárpico partido intencionalmente nas duas extremidades;

- Diáfise de metacárpico partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Metatársico direito completo (H = 112,2; DT prox. = 18,2; DAP prox. = 17,8; DT dia. = 11,3; DAP dia. = 10,6; DT dia dist. = 21,9; DT dist. = 22,2; DAP dist. = 13,1);
- Porção de diáfise de metatársico com fractura longitudinal, conservando parte de sup. articular proximal (DT dia = 10,7; DAP dia. = 10,8);
- Porção de diáfise de metatársico com fractura intencional na diáfise e extremidade distal em falta por roedura (DT dia = 10,3; DAP dia. = 10,1);
- Diáfise de metatársico juvenil;
- Diáfise de metatársico partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de metatársico partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de metatársico, partido intencionalmente nas duas extremidades;
- Diáfise de metatársico, partido intencionalmente nas duas extremidades;
- 1.^a Falange (H = 32,8; DT prox. = 10,9; DT dia. = 9,7; DT dist. = 10,5);

Equus caballus

- 1.^a Falange com a superfície articular proximal roída por cão (H = 82,8; DT prox. = 52,7; DT dia. = 33,0; DAP dia = 27,0; DT dia dist. = 45,1; DT art. dist. = 40,5; DAP art. dist. = 23,6) (Fig. 18, n.º 4);

Sus sp.

- Porção anterior de mandíbula com os dois ramos soldados;
- Pélvis incompleto com marcas intencionais de corte (DAP cavidade = 27,3; DT cavidade = 24,3);
- Calcâneo direito de juvenil, com falta de epífise (H = 27,6; DT art. = 20,2; DT min. post. = 8,7); (Fig. 18, n.º 5);

O. cuniculus

- Porção proximal de fémur direito partido na diáfise;

UE 2117

Bos taurus

- Porção de ramo ascendente mandibular esquerdo com marcas de corte verticais produzidas na superfície óssea por machado;
- Diáfise de metatársico com fractura intencional nas duas extremidades e marcas de corte por machado da face anterior de diáfise (DT dia. = 27,0; DAP dia. = 29,5); (Fig. 17, n.º 4);
- Esquirola de diáfise distal de metatársico totalmente carbonizado.

Ovis aries / Capra hircus

- Fragmento de ossicone;
- Hemimandíbula direita com P/4, M/1, M/2 e M/3 com desgaste médio;
- Fragmento de hemimandíbula direita com P/4, M/1 e M/2 com desgaste fraco;
- Fragmento de hemimandíbula direita com P/4, M/1 com desgaste fraco;
- M 2 esquerdo com desgaste fraco e indícios de fogo intenso (DMD = 11,4; DVL = 10,6);
- M/2 esquerdo com desgaste fraco (DMD = 12,7; DVL = 8,3);

- M/3 direito com desgaste fraco (DMD = 19,6; DVL = 7,4);
- Porção proximal de rádio esquerdo partido modernamente na diáfise (DT prox. = 26,5; DMD prox. = 13,6);
- Diáfise de tibia com fractura intencional nas duas extremidades;
- Esquírola de tibia, correspondente à diáfise, com fracturas intencionais nas duas extremidades (DT dia. = 13,6; DAP dia. = 11,4);
- Metade proximal de metacárpico esquerdo fracturado na diáfise e em parte de sup. articular proximal (DT dia = 12,4; DAP dia = 9,9);
- Metatársico direito fracturado na extremidade distal de diáfise (DT prox. = 18,3; DAP prox. = 19,2; DT dia. = 10,5; DAP dia. = 9,7);
- Diáfise de metatársico com fracturas intencionais nas duas extremidades (DT dia. = 11,4; DAP dia. = 12,0);